

www.revistanascente.com.br

Ano XXVIII • Nº 169
Sivan / Tamuz 5780 • Jun / Jul 20

NASCENTE

Congregação Mekor Haim



EDUCAÇÃO
Semear e
Construir

DINHEIRO
EM XEQUE
O Bêbado

DE CRIANÇA
PARA CRIANÇA
Perdão

Vem pro Sacolão

Aqui a época
da sua fruta
favorita dura
o ano inteiro!

EXIJA O SELO DE SUPERVISÃO RABÍNICA E FAÇA VERIFICAÇÃO DE TOLAIM



RUA DONA VERIDIANA, 158/162
HIGIENÓPOLIS ☎ 3331-4672

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
SEGUNDA À SÁBADO: das 7h às 21h.
DOMINGOS E FERIADOS: das 8h às 20h.



Bem - estar para a sua família



Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



0800-891-6701

Ou doe diretamente: www.kupat.org





Nº 169

Capa:
Gritos e Ameaças.
Educação,
pág. 22.

Expediente

A revista Nascente é um órgão bimestral de divulgação da Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400

Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios e os conceitos emitidos nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da diretoria da Congregação Mekor Haim ou de seus associados.

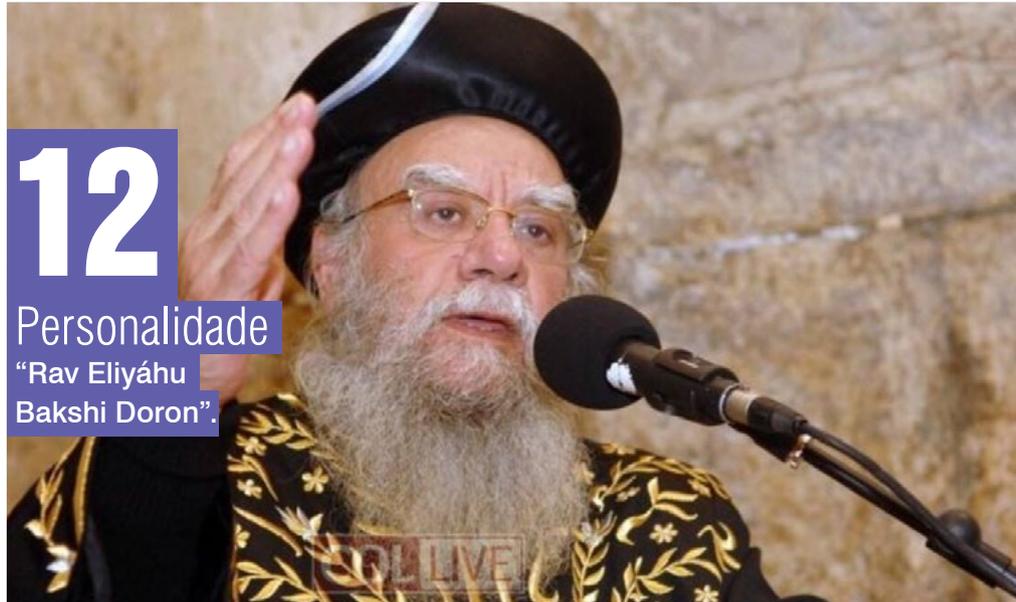
Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE

Nesta Edição



12

Personalidade
"Rav Eliyáhu
Bakshi Doron".



07

Dinheiro em
Xeque
"O Bêbado".



29

Pensando Bem II
"Receptores".

09

Variedades I
"Carregando
Batatas".

48

Passatempos
"Palavras
Cruzadas e Jogo
dos 7 Erros".

28

Pensando
Bem I
"Pensamentos".

25

Visão
Judaica I
"Duas
Ovelhas".

10

Variedades II
"Saindo de
Cuba".



40

Variedades III
"A Última Dança".



39

Truques e
Dicas
"Investigando".



54

De Criança
Para Criança
"Perdão".

30

Visão
Judaica II
"Sobre a Vida e
a Morte".
R. Yonatan
Eibshits zt"l

22

Educação
"Exigências".
R. I. Dichi

20

Atualidades
"Carta do Gaon
Hagadol Rabi Chaim
Kanievsky Shelita
Escrita Durante a
Pandemia do Novo
Coronavírus".

50

Datas e Dados
"Datas e horários
judaicos, parashiyot e
haftarot para os meses
de Sivan e Tamuz".

34

Leis e
Costumes
"Regras Gerais
Sobre as Bênçãos
Anteriores e
Posteriores".
R. I. Dichi

26

Quem Sabe
Responde
"Um Desafio à
Sua Sabedoria".

Dinheiro? Nada de errar do com ele!

Segundo os conceitos judaicos, teoricamente, nada indica que devamos nos desvencilhar dele ou deixar de procurá-lo. Muito pelo contrário – o dinheiro pode ser o intermediário para a aquisição de enormes méritos espirituais.

O que ocorre, na prática, é que o dinheiro funciona como um grande teste celestial. Quanto mais bem-sucedido materialmente, mais eloquente é o elogio da frase: “...e ele é muito simples, humilde... e trata bem as pessoas!”. Como se alguém estivesse fazendo mais que sua obrigação básica de tratar bem o próximo.

Todos nós já ouvimos, e vimos, que o dinheiro pode trazer o orgulho, a arrogância e o distanciamento entre as pessoas.

O homem pode passar seus 80 anos em busca do “negócio de sua vida”. Nossos sábios nos revelam que o verdadeiro “negócio de nossas vidas”, o mais rentável, é a aplicação do dinheiro em boas “ações”, as quais renderão dividendos eternos, pagos após os 80.

Tudo muito correto. Mas, provavelmente, daqui a cinco minutos estas palavras terão sido “arquivadas”, sem nenhuma resolução prática. É difícil praticar um maior “investimento” neste tipo de “ações”, por vivermos cercados de conceitos materialistas e imediatistas. Um investimento a longo prazo e envolvendo conceitos espirituais, mesmo que garantidamente correto e rentável, acaba ficando distante de nossa realidade.

Estamos longe da fé e confiança dos sábios talmúdicos, sobre os quais consta que lamentaram o fato de um companheiro ter

falecido, tendo em sua posse um jarro de farinha. O tempo gasto na obtenção daquele bem material, certamente poderia ter sido melhor aproveitado com aquisições espirituais.

É por isso que trazemos uma sugestão a respeito de dinheiro e investimentos acessível a todos. Nada a perder, tudo a ganhar!

É um hábito em nossa sociedade que cada um tenha economias para garantir uma aposentadoria tranquila, para serem usadas em alguma situação de emergência ou para garantir o futuro da família.

Quantas vezes tais garantias, em forma de sigilosas contas bancárias, são abandonadas involuntariamente por seus proprietários? E o que tais proprietários, no lugar onde estão, “sentem” ao “ver” tal abandono e “lembrar” do esforço que despenderam para acumulá-las? E mais, qual o remorso por saberem que poderiam ter sido nobremente utilizadas, transformadas em “ações” cujos “dividendos” estariam sendo cobrados agora?

A sugestão, portanto, não é “o negócio de sua vida”, mas sim, para depois dela.

Não que os herdeiros devam ficar sem uma segurança financeira. Mas, quanto àquela parte fixada para uma “aposentadoria tranquila” e para uma “reserva de emergência”, certifique-se de que, caso a oportunidade não chegue a ocorrer, que sejam destinadas às famosas “ações espirituais” – pessoas necessitadas, livros sagrados, centros de estudos de Torá, instituições beneficentes. Assim, mesmo sem perder nada durante a vida, ganha-se uma fortuna espiritual a ser desfrutada em uma venerável eternidade! ■



O Bêbado

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Foi uma linda comemoração. Mas Efráyim perdeu o controle e acabou se embriagando.

Ao caminhar de volta para casa, perdeu os sentidos e caiu no meio da calçada.

As pessoas que estavam à sua volta tentaram despertá-lo – em vão.

Nem após muitas chacoalhadas ele se moveu.

Os presentes começaram a ficar em dúvida se era um “simples” caso de embriaguez ou se o álcool ingerido causara algum dano cerebral

ao pobre homem.

Também ficaram com receio que Efráyim acabasse rolando para o asfalto, se o deixassem ali, e que fosse atropelado. Sendo assim, decidiram chamar uma ambulância para levá-lo ao hospital.

No hospital foram realizados alguns exames e constatou-se que era apenas um caso de bebedeira, sem maiores consequências. Que logo o paciente recuperaria a consciência.

Na manhã seguinte, ao acordar, Efráyim percebeu que estava num leito de hospital. Ime-



- portaria remota
- central de monitoramento
- sistema de cercas elétricas
- sistema de câmeras
- sistema de alarmes

**+ Portaria Virtual
para Shabat**



(11) 4750-2777 | 99158-7233
carlos@alarmwolx.com.br

Os produtos e estabelecimentos
cashier anunciados não são de
responsabilidade da revista

NASCENTE

Cabe aos consumidores
indagar sobre a
supervisão rabínica



Dinheiro em Xequê

diatamente perguntou quem o levaria para lá e por quê.

As enfermeiras lhe explicaram que algumas pessoas bondosas tinham se preocupado com sua saúde e transportaram-no para o hospital. Logo tranquilizaram-no, comunicando que ele não corria nenhum risco; que daquela vez não haveria sequelas para seu desleixo.

Mas Efráyim não se acalmou. Pelo contrário. Irrequieto, levantou as sobrancelhas assustado e perguntou:

– Essas pessoas “bondosas” já pagaram a conta do hospital?

As enfermeiras foram verificar e voltaram para comunicar-lhe que ninguém pagara a conta. Que ele deveria pagar pelos exames realizados e pela estadia no hospital antes de ser liberado para voltar a seu lar.

Imediatamente, Efráyim exclamou irritado:

– Não pedi para que me trouxessem ao hospital! Ninguém me consultou sobre isto! Além do mais, de nada me adiantou ter vindo para cá. Quem me trouxe, que pague a conta!”

Qual a lei neste caso? Quem deve pagar?

O veredito

É um costume aceito que, quando uma pessoa adoece e não tem como cuidar de si, que os parentes e pessoas próximas ajudem-na no que for preciso, inclusive arcando com despesas médicas e de remédios.

Depois, o doente devolve para elas a quantia gasta, mesmo se não pediu que assumissem estas despesas com ele.

Isso se aplica no nosso caso.

Ao virmos alguém estirado na rua, inconsciente e inerte, nos preocupamos com ele e chamamos uma ambulância para levá-lo ao hospital. É óbvio que é algo benéfico para ele ser ajudado num estado desses. Portanto, ele deve pagar as despesas.

Do semanário “Guefilte-mail”
(guefiltemail@gmail.com).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav
Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita

Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulechan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.

Para receber a revista NASCENTE gratuitamente em São Paulo, preencha esta ficha e envie para:
Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010
São Paulo – SP
ou pelo fax:
11 3660-0404



Sim, eu quero receber, gratuitamente a Revista NASCENTE em São Paulo

Nome: _____

Endereço: _____

São Paulo - SP

CEP: _____ Fones: _____

E-mail: _____

Instituição judaica que frequenta: _____

Carregando Batatas

De volta das férias, todos os alunos estavam descansados e alegres. Aproveitando o “alto-astral” da turma, o professor resolveu ensinar algo importante aos jovens: pediu a todos que trouxessem, no dia seguinte, uma sacola de plástico e dez batatas.

Na manhã seguinte, lá estavam todos, muito curiosos, com suas sacolas e as dez batatas. O professor, então, pediu para que cada um dos alunos separasse uma batata para cada colega com quem tivessem discutido ou brigado no ano anterior. Os alunos deveriam escrever o nome dos desafetos nas batatas e colocá-las dentro da sacola.

Depois, ordenou a todos que, durante uma semana, andassem com aquela sacola de batatas seja lá para onde fossem.

Alguns alunos reclamaram que suas sacolas estavam muito pesadas. Porém, o mais interessante veio com o passar dos dias: as batatas começaram a deteriorar-se e o cheiro a aparecer.

Ao final dos sete dias, com um cheiro terrível no ar e com os alunos de braços cansados, o professor falou:

“Caros alunos! Eu quis que vocês aprendessem duas importantes lições:

“Por precisarem carregar a sacola de batatas para todos os lugares aonde iam, vocês tiveram de se concentrar nisto e, automaticamente, deixaram de notar outras coisas mais importantes ao seu redor.

“Mesmo que, inicialmente, as batatas pa-

reciam belas e gostosas, com o passar dos dias, o mau cheiro acabou com este pensamento inicial!

“As batatas nas quais vocês escreveram o nome de colegas com quem discutiram no ano passado, a princípio pareciam bonitas e saborosas. Uma discussão, inicialmente, também parece ser importante e interessante, a ponto de valer a pena guardar as mágoas que dela resultam.

Porém, com o passar dos dias, o “mau cheiro” vai aumentando, e o custo de carregar as mágoas das discussões para todos os lados acaba sendo muito alto.

Agora, caros alunos, vocês entenderam que não vale a pena carregar essas “batatas”: discussões, broncas, mágoas e fofocas.

Perdoar o colega e abandonar a má vontade em relação aos demais é a única maneira de livrar-se dessas batatas!

Esta é uma grande lição para nós, à medida que o novo ano letivo se aproxima. Vale a pena jogar fora as batatas e iniciar o ano com o pé direito, com união e amizade entre todos!



Saindo de Cuba

Alguns anos atrás, meu amigo Henry Percal compartilhou comigo esta história notável que aconteceu em sua juventude.

Henry nasceu e cresceu em Cuba. Seus pais tinham um bom padrão de vida. Eles trabalhavam numa pequena empresa familiar própria.

O pai do jovem Henry enviou-o para estudar na Academia Militar de Riverside, no estado americano da Geórgia. Havia mais alguns rapazes cubanos nesta academia. Lá eles enfrentavam muitos atritos com os espertalhões da Geórgia.

Quando Henry estava em seu último ano na instituição, outro garoto cubano, chamado Damas, ingressou na classe dos novatos. Damas tinha apenas 1m55cm de altura.

Henry logo percebeu que Damas não sobreviveria aos “trotos” que estavam sendo preparados para os calouros nos primeiros meses de academia. Ele então mandou avisar a todos que Damas estava sob sua proteção e que,

qualquer um que tocasse em Damas teria que se ver com ele.

Em maio de 1960, Henry retornou a Cuba. Em outubro daquele mesmo ano, Fidel Castro derrubou Batista do poder e começou a colocar em prática suas “reformas” no sistema. Certo dia, o pai de Henry recebeu uma carta declarando que a empresa de propriedade da família já não mais lhes pertencia. Noutro dia recebeu uma carta comunicando que o governo agora era o “orgulhoso proprietário” dos apartamentos que ele tinha para alugar.

Henry tinha um amigo no clube, um desertor do exército americano, procurado por assassinato nos Estados Unidos. Ele se tornara “instrutor de armas” de Castro, com a patente de coronel. Um dia, este amigo secretamente informou Henry que seu pai estava na lista dos que seriam presos na semana seguinte. No dia

seguinte seu pai pegou um vôo da Pan Am para Miami.

Duas semanas depois, Henry e sua mãe estavam no aeroporto aguardando seu vôo para Miami. Embora teoricamente pudessem sair do país, eles estavam muito preocupados. Sabiam que havia o risco de serem chamados pela “força de segurança” para inspecionarem sua bagagem. Naqueles meses após a revolução, a época era de grande tumulto. Quando alguém era chamado pela segurança, provavelmente tinha suas posses confiscadas sob alguma acusação sem fundamento. Pior do que isso, a própria pessoa podia ser presa ou desaparecer, baseado em alguma acusação inventada.

Então veio o chamado pelos altofalantes: “Família Percal, comparecer à Segurança”. Na sala da Segurança, um oficial exausto os aguardava. Resmungão, grosseiro e de pouca conversa, ele parecia muito ressentido com a tarefa que lhe fora designada.

– Passaportes! – exclamou com desdém.

Eles entregaram os passaportes.

Então a mãe de Henry perguntou gentilmente:

– Quanto tempo isto irá demorar?

Não gostaríamos de perder o avião.

O oficial respondeu:

– Vocês já perderam o avião!

De repente, ele começou a olhar para Henry de forma inquisitiva, franziu a testa e arriscou:

– Você é o Percal?

– Sim... – respondeu Henry.

– Você frequentou a Academia Militar de Riverside?

– Sim.

– Você conheceu um jovem chamado Damas?

– Sim.

O oficial rapidamente devolveu-lhes os passaportes e disse:

– Ele é meu filho. Façam uma boa viagem!

Qual o valor de um ato de bondade? Neste caso valeu a liberdade e, talvez, a própria vida.

Todos adoramos histórias como esta. É a maneira como o mundo deveria “funcionar”. Alguém faz um ato de bondade e o recebe de volta de uma maneira espetacular.

Infelizmente, não é sempre que temos o mérito de perceber esta retribuição. Pelo contrário, muitas vezes ficamos sabendo de alguém que fez algo bom ou gentil e recebeu de volta uma resposta desagradável.

Como devemos reagir a isto?

A *Torá* nos relata (Bereshit 1:27) que “D’us sábio criou o homem à sua imagem”. O Chafets Chayim (Rabino Yisrael Meir Kahan, Polônia, 1839-

1933), um dos maiores líderes do Povo Judeu, explicou que o termo “à imagem de D’us” significa que o homem tem a capacidade de copiar os atos de D’us, que concede bondade a todas os indivíduos. Praticando atos de bondade, estamos refletindo um dos atributos de D’us. Ao pensar: “Por que devo ajudar os outros?”, a pessoa está se desviando de sua própria divindade.

A própria sobrevivência da humanidade depende da bondade. Toda pessoa, sem exceção, precisa da ajuda de outros seres humanos. O Profeta Michá (6:8) nos disse: “O que o Todo-Poderoso quer de vocês? Que ajam com justiça, amem a bondade e comportem-se humildemente com D’us”. Bondade é algo que precisamos praticar. Ela ajuda os demais seres humanos, leva o mundo um passo mais próximo da perfeição e eleva nosso nível de espiritualidade.

Então, qual a resposta à pergunta acima, como devemos reagir aos mal-agraçados? A resposta é: foquemos toda nossa energia em beneficiar os demais, não na resposta ou no reconhecimento que podemos receber em troca de nossa ajuda. Nosso sucesso em ajudar os outros é a própria resposta aos mal-agraçados!

Meor Hashabat Semanal

HOPE®

Parabeniza a Congregação
pela divulgação dos valores
judaicos!



No dia 12 de abril de 2020 faleceu o Rishon Letsiyon Hagaon Harav Eliyáhu Bakshi Doron zt"l, ex-rabino-chefe de Israel.

O Gaon Rav Eliyáhu Bakshi Doron zt”l

Com 79 anos de idade, o sábio foi vítima de complicações provocadas pelo novo coronavírus, cinco dias depois de entrar no hospital com sintomas da Covid-19, quando a doença foi confirmada. O funeral foi realizado no dia 13 de abril no Har Hamenuchot, em Jerusalém.

Embora os funerais de outros líderes espirituais judeus sejam atendidos por dezenas de milhares de pessoas, as regras de distanciamento social à luz da pandemia fizeram com que apenas vinte pessoas fossem permitidas no ritual de despedida. O funeral foi transmitido ao vivo e o grande público foi convidado a participar assistindo em suas casas.

Nascido em 1941 em Jerusalém, Rav Eliyáhu era filho de Ben-Zion Bakshi Doron, nascido em Israel, e Tova (Kattan) Bakshi Doron, nascida em Alepo, Síria. Sua esposa Esther Tova Malka era filha do rabino-chefe da cidade de Aco, Rav Shalom Aharon Lopes, e faleceu em 2005. Com ela, o rabino teve dez filhos.

O sábio estudou em *Yeshivat Hadarom*, *Chevron* e *Kol Yaakov*; Todas em Israel. Em 1970 iniciou sua carreira rabínica na cidade costeira de

Bat Yam. Em 1972 foi nomeado rabino-chefe sefardita desta cidade e, em 1975, da cidade de Haifa, cargo que ocupou por 18 anos. Em 1993 foi nomeado “Rishon Letsiyon”, o rabino-chefe sefardita de Israel, cargo que ocupou durante 10 anos. Também foi o líder das instituições “Binyan Av” e “Devê Eliyáhu”.

No dia 21 de abril foi organizado um *hesped* em homenagem ao Gaon Rav Eliyáhu Bakshi Doron com a transmissão de discursos pela Internet.

Rabinos importantes de vários países foram convidados para fazer os *hespedim*: Rabino Shalom Bakshi Doron, de Israel, Rabino Yosef Chehebar, da Argentina, Rabino Baruj Mbazbaz, da Argentina, Rabino Isaac Dichi, do Brasil, Rabino Shelomô Tawil, do México, Rabino Amram Anidjar, do México e Rabino David Peretz, do Panamá.

Seguem alguns trechos de dois discursos:



Rabino Shalom Bakshi Doron, de Israel, filho do Rav Eliyáhu

Neste momento estou sentado, durante os sete primeiros dias de luto. Que minhas palavras sejam pronunciadas pela elevação espiritual da alma de meu mestre e meu pai *Rabi Eliyáhu ben Tova Bahie zt-v"l – hareni caparat mishcavô*.

Meu pai, desde jovem, era um aluno destacado na *Yeshivat Chevron*, a grande *yeshivá* em Jerusalém, cujo *Rosh Yeshivá* era o *Gaon Rav Yechezkel Sarna*.

Ontem um *rosh yeshivá* muito honrado contou-me que, há 60 anos atrás, sentou no mesmo banco com meu pai na *Yeshivat Chevron* durante dois anos.

Rav Yechezkel Sarna era um dos maiores sábios da geração. Ele ministrava um *shiur* semanal na *yeshivá*. Quando ele estava preparando seu *shiur*, um jovem ia até o banco onde sentava meu pai e dizia-lhe: “O *Rosh Yeshivá* está te cha-

mando, porque ele precisa preparar o *shiur*”. Antes de dar o *shiur*, o sábio gostava de apresentá-lo primeiramente em particular para o meu pai. Depois, quando ele terminava o *shiur*, perguntava para o meu pai sua opinião de como ele achou que foi o *shiur*.

Após casar-se, meu pai estudou no *Colel Mossad Harav Kook* e em *Kol Yaacov*. Depois disso foi convidado para ser um dos rabinos na *Yeshivat Porat Yossef*.

Vários amigos dele contaram-me sobre sua agilidade e esforços nos assuntos espirituais. Após a libertação de Jerusalém, nas noites de *Shabat* ele rezava no *Côtel Hamaaravi*, que ficava a uma hora de caminhada de sua casa.

No *Shabat* à tarde também caminhava mais de uma hora para chegar em *Yeshivat Porat Yossef* em *Katamon*. Ele não media esforços em prol da *Torá*!

Com 30 anos de idade foi convidado para ser Rabino em *Ramat Yos-*

ESTRELA
Aviamentos

50 anos

Fitas Elásticas
Fitas Rígidas
Bojos
Velcro
Fio para Costura
Etiquetas Bordadas

FITAS ELÁSTICAS ESTRELA LTDA.
Rua João Roberto nº 580 - CEP 07221-040
Cidade Industrial de Cumbica
CEP - 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel: (55-11) 2142-7277
Fax: (55-11) 2142-7299
e-mail: estrela@estrela.ind.br
Internet: www.estrela.ind.br

VRASALON[®]
DESDE 1968

*Deseja
grande sucesso
espiritual e material para
todo Am Yisrael!*

www.vrasalon.com.br

KADUR
by Optimist

*Deseja sucesso
para toda a
Kehilá!*

www.kadur.com.br

sef, onde havia muitos imigrantes da Síria, Líbano e Egito. Corria de uma sinagoga para a outra para difundir a *Torá* no seio do Povo de Israel.

Hoje o *Chacham* Shelomô Attie *Shelita*, filho do *Chacham* Yaacov Attie, contou-me o seguinte relato que ouviu de seu pai: Certa vez, um rico benemérito estava organizando um grupo de pessoas para a leitura de todo o *Tehilim*. Quando o *Rav* Yaacov Attie convidou meu pai para participar, ele sugeriu solicitar ao benemérito que financiasse um *Colel* em Bat Yam. Na época, o único *bachur yeshivá* daquela cidade deserta de espiritualidade era o jovem Shelomô Attie. Quem imaginaria que pudesse existir um *Colel* naquele lugar? E o *Colel* foi aberto!

Depois foi ser rabino em Haifa, onde fundou outro *Colel* para iluminar a escuridão do local. Também ensinava diariamente pessoas muito simples. Ele sempre foi muito querido pelo povo. Diminuía-se, não procurava honrarias. Nossa casa sempre foi frequentada por visitantes com aparências estranhas e por pessoas muito simples. Ele entendia as carências das pessoas e sabia como oferecer conforto para todos.

Certa vez, há 50 anos atrás, descobriram que uma jovem judia morava com um árabe em sua aldeia, com

dois filhos. Ela desejava sair daquela situação, mas na prática era impossível. De repente seu marido faleceu e ela telefonou para um dos coordenadores da instituição *Yad Leachim*, que era nosso vizinho. Esse rabino imediatamente procurou meu pai e contou a história, acrescentando que naquela noite seria possível retirar a moça da aldeia árabe. No entanto, ela não teria onde ficar por alguns dias. Meus pais, que não se importavam com as comodidades deste mundo, prontificaram-se a hospedar em seu pequeno apartamento aquela jovem com seus dois filhos. E assim foi. Convivemos com eles durante uma sema-

na. Os filhos falavam somente árabe. Não foi fácil conviver com aquelas pessoas de educação tão diferente da nossa, mas entendemos que nossos pais não eram pessoas comuns. Continuamente diminuía-se e preparavam seu *Olam Habá*.

Meu pai, com quase 80 anos, levantava de madrugada, duas horas antes de *tefilat vatikim*, e estudava em casa antes de ir rezar. Após a reza ia para o escritório e depois para o *Colel*. Corria com a energia e ânimo de um jovem!

Que *Hashem* nos dê forças para santificar Seu Nome e seguir Seu caminho.



Jovem Universitário Brasileiro

Aplique pelo site:
www.weducate.com.br

Você é dedicado e comprometido com seus estudos?
As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

WEducate
create your future

AUTO CADIMA MULTIMARCAS

VW FIAT Ford Chevrolet Opel Renault Honda

Rahmo Dayan e Edy Dayan

Seu carro está aqui!
3333-1333

As Melhores Ofertas em "OKm" com garantia oficial de fábrica

Novo Endereço

Al. Barão de Limeira, 526 • autocadima@gmail.com
94642-8881 • Telefax: 3333-1322

PRECISANDO DE VINHOS OU ESPUMANTES KASHER? ^{BH}

TEMOS AS MELHORES OPÇÕES!
FAÇA O SEU ORÇAMENTO CONOSCO:

www.vinikbebidas.com.br
Greicy Freilich Susyn | (11) 9.6633.8515

Verifique a supervisão rabínica em cada produto



Rabino Isaac Dichi, do Brasil

Tenho dificuldade em falar de um homem da estatura do *Rishon Letsiyon zt"l*.

A *Guemará*, no tratado de *Ketubot*, relata que os anjos e os *tsadikim* estavam em confronto no momento do falecimento de *Rabi Yehudá Hanassi*. Finalmente os anjos “venceram” e a alma de *Rebi* foi fazer parte da *Yeshivá* Celestial. O mesmo aconteceu com o *Rishon Letsiyon!* Ele foi internado algumas vezes em poucos meses. Havia um “confronto” muito grande para decidir em que mundo a alma do *tsadic* ficaria. Mas, finalmente, os anjos levaram-no para a *Yeshivá* Celestial.

O profeta *Yechezkel* disse que estava suspirando quando lamentou pela destruição iminente do Templo Sagrado.

Hoje, todos nós devemos suspirar pelo falecimento do *Tsadic Hagaon Eliyáhu Bakshi Doron ztv"l*.

No *Tratado de Rosh Hashaná* consta que o falecimento dos *tsa-*

dikim é equivalente à destruição do *Bêt Hamicdash*. Além disso, no livro de *Yeshayá* Rashi comenta uma citação dos nossos sábios, segundo a qual o falecimento de um homem justo é ainda mais difícil do que a destruição do *Bêt Hamicdash*.

Tive o mérito de conhecer o *Rav* Bakshi Doron *alav hashalom* em 5731, há 49 anos. Cheguei jovem do Brasil na *Yeshivat Porat Yossef* em Kattamon, onde estudei. Naquela época o *Rav* era *rosh kibuts* na *yeshivá*.

O lugar onde eu sentava na *yeshivá* – junto com meu *chavruta Hagaon Rav* Levy Pinchassi *Shelita*, *Rosh Yeshivat Meor Avraham* – era em frente ao *Rav*. Observando-o, constatei que preparava-se para algo, estudando o livro *Har Tsevi*, do *Rav* Pessach Frank. Foi então que me disseram que ele preparava-se para ir ocupar o cargo de rabino chefe da cidade de Bat Yam. Depois disso não tive mais contato com ele, até que foi escolhido como *Rishon Letsiyon*.

É impressionante constatar como ele não mudou, apesar do cargo tão importante que ocupava! A simplicidade e humildade do *Rav* Eliyáhu Bakshi Doron de *Rosh Kibuts* em *Porat Yossef* era exatamente a mesma quando tornou-se o *Rishon Letsiyon Rav* Eliyáhu Bakshi Doron. Seu linguajar suave com todos seguia o mesmo. Sua humildade seguia a mesma. Sua simpatia e semblante agradável para com todas as pessoas seguiam os mesmos!

Possuía uma admirável humildade com simpatia e delicadeza. Sempre foi o mesmo *Rav* Bakshi, querido e bem relacionado com todos.

Aprendemos o valor destas características de *Moshê Rabênu*, o maior líder do Povo de Israel. A pessoa que





tirou o Povo de Israel do Egito, que esteve no Céu, que trouxe a *Torá* para a Terra, era “*anav meod*” – muito humilde. Quanto mais próximo se está de *Hashem*, mais se constata como somos pequenos. Estando muito próximo de *Hashem*, apesar da grandeza na *Torá* e do posto honrado, nada afetou a humildade do *Rav Bakshi, zechutô yaguen alênu*.

O Chazon Ish nos deixou muitos livros. Gostaria de citar dois pequenos trechos do livro “*Kovets Igrot Maran Hachazon Ish*”, que seguramente dizem respeito ao *Rav Bakshi Doron*.

Na carta de número 33 o Chazon Ish explica que a Providência Divina se manifesta, em todas as gerações, sobre alguns indivíduos especiais implantados por *Hashem*, os quais nos ensinam o caminho correto a seguir. Quando eles se aprofundam na *Halachá*, são como anjos, e um espírito muito elevado recai dos Céus sobre estas pessoas.

Na carta 31 o Chazon Ish escreve que a pessoa que tem o mérito de conhecer a *Torá* caminha normalmente entre as pessoas, é humilde e tem um semblante sorridente – todos imaginam que é mais uma pessoa comum entre tantas. No entanto, este indivíduo de fato é um anjo que vive com as pessoas aqui embaixo, e sua vida é nobre, acima de todo e qualquer louvor!

Certamente estas palavras podem ser aplicadas em relação ao homem especial que perdemos.

Neste momento, com a falta do *tsadic* que vivia entre nós, resulta um vazio espiritual no mundo. Cabe portanto analisar o que aconteceu no momento em que *Eliyáhu Hanavi* foi para o Céu.

O livro de *Melachim* conta que, quando *Eliyáhu Hanavi* ia subir aos Céus, seu principal discípulo, o profeta *Elishá*, acompanhava-o. *Eliyáhu Hanavi* disse que *Elishá* poderia

pedir o que quisesse naquele momento.

Em sua vida, *Eliyáhu Hanavi* tinha ressuscitado uma pessoa. *Elishá* respondeu-lhe que desejava poder para ressuscitar duas pessoas, o dobro de seu mestre. Mas *Eliyáhu* argumentou que aquele pedido era muito difícil de ser atendido.

No entanto, em seguida *Eliyáhu Hanavi* acrescentou: “Se você me vir quando eu estiver subindo ao Céu, seu pedido se concretizará. Caso contrário, seu pedido não se realizará.”

Resta a questão: Por que no primeiro momento, antes da partida do sábio, o pedido era difícil de ser atendido mas, após a partida de *Eliyáhu Hanavi*, seria concretizado na condição estipulada?

Rav Aharon Kotler z”tl explica em seu livro *Mishnat Aharon* algo fenomenal: A reflexão no momento que um *tsadic* sai deste mundo pode levar um indivíduo a níveis muito elevados. Quando *Elishá* pediu o dobro, enquanto estava na companhia de seu mestre, isso era algo muito difícil. Mas após a partida do *tsadic*, remanesce um potencial espiritual muito grande neste mundo, disponível para quem se empenhar um pouco em adquiri-lo.

É necessário aproveitar este momento para adquirir bens espirituais que pairam em decorrência do falecimento do *tsadic*. Isto é feito por meio da meditação, *teshuvá* e tomada de decisões positivas para o futuro.

Rav Bakshi nos deixa uma humildade suprema, simpatia, *yir’at Shamáyim, ahavat Hashem*, a *Torá Escrita*, a *Torá Oral*, amor ao próximo e tantos outros bens espirituais!

Tudo isso está como “*hefker*”, disponível para quem quiser adquirir!

Somente naquele momento em

que o profeta Eliyáhu estava subindo aos céus, seu discípulo Elishá poderia receber seu pedido. Quando ele sentisse a dor da separação do *tsadic* poderia receber a influência de todos os elevados valores espirituais que o profeta deixou neste mundo.

Quando se sente a dificuldade por *Hashem* ter levado a alma do *tsadic* para perto Dele, quando sentimos esta dor, temos a possibilidade de adquirir o enorme patrimônio, a herança espiritual, que ele deixou. Cada um de nós pode receber esta influência!

No tratado de Moed Katan a Guemará explica o motivo de a *Torá* ter relatado o falecimento de Nadav e Avihu, os filhos de Aharon Hacoheh próximo à *parashá* de *Yom Kipur*: “Porque o falecimento de um *tsadic* expia os pecados da mesma forma que faz o *Yom Kipur*”.

Todos sabemos que *Yom Kipur* expia os pecados para quem faz *teshuvá*. O mesmo ocorre no momento do falecimento dos *tsadikim*! Portanto, neste momento o portal celestial da *teshuvá* está aberto.

Especialmente nesta situação, a humanidade necessita de grande misericórdia dos Céus! Precisamos fazer *teshuvá*, porque *Hashem* está demonstrando que o mundo antes da epidemia não era o mundo que Ele queria. Ele está solicitando mudanças. Está solicitando *yir'at shamayim*, que eduquemos nossos filhos no caminho da *Torá* e que aprimoremos nossas condutas. Assim, devemos aproveitar que o portal celestial da *teshuvá* está aberto, como em *Yom Kipur*!

Gostaria de fazer um grande pedido ao *tsadic*. Que ele peça a *Hashem* para revogar o nervosismo em

relação ao Povo de Israel e a toda a humanidade. Que Ele se levante do trono da justiça e sente-no no trono da bondade e da misericórdia.

Rav Bakshi! Você está próximo de *Hashem*! Você sabe o que está passando no mundo! Você conhece a situação difícil pela qual estamos passando! Quantos irmãos do Brasil, Estados Unidos, México, Argentina, França, Itália, Espanha, não estão mais aqui! Peça a *Hacadosh Baruch Hu* que retire o nervosismo de nós.

Que todos os familiares sejam consolados dos Céus e que não vejam mais tristezas.

Enquanto o *Kelal Yisrael* continua chorando a enorme perda, rezamos para que chegue o momento da verdadeira salvação.

Que sua alma esteja ligada ao elo da vida eterna, amen.

CAMESA
a cara da sua casa

PARABENIZAMOS A CONGREGAÇÃO
PELA DIVULGAÇÃO DOS VALORES JUDAICOS

SAC: 11 2431 5000

www.camesa.com.br

[f camesa.ltda](https://www.facebook.com/camesa.ltda)

[@camesaoficial](https://www.instagram.com/camesaoficial)



Inúmeros líderes judaicos também lamentaram o falecimento do sábio, saudando-o como um grande guia espiritual.

O ex-rabino-chefe *ashkenazi*, *Hagaon Harav* Yisrael Meir Lau, que serviu ao lado do *Rav* Bakshi Doron, lamentou durante o funeral: “Junto com toda a Congregação de Israel lamento a partida do *Rishon Letsiyon*, o rabino-chefe de Israel e o juiz-chefe da Grande Corte... O grande *gaon* foi tirado de nós! Estou muito triste. Foi uma honra servir ao seu lado! Juntos passamos por dez anos difíceis... Ficamos juntos como uma parede de tijolos! Não havia ninguém tão honesto quanto você!... Sua morte deixa um grande vazio no mundo judaico!”

O atual rabino-chefe *Rishon Letsiyon Hagaon Harav* Yitschak Yossef Shelita lamentou o falecimento e, entre muitos elogios, disse emocionado por telefone: “O mundo da *Torá* e da *halachá* perdeu um de seus grandes pilares”. Ainda conforme o *Rav* Yitschak Yossef, o *Rav* Bakshi Doron adotou a prática de ir de um lugar para outro para revolucionar o aprendizado da *Torá* e

compartilhar sua sabedoria com os estudantes de *yeshivot* em todo o país.

O Rabino Ben-Zion Bakshi-Doron, filho do sábio, disse que seu pai será lembrado por sua grande humildade: “Ele estava disponível para todos os judeus. Tinha grande devoção ao público; não pertencia a nenhum setor em particular. Ele era um homem do povo de Israel!”

O primeiro-ministro Binyamin Netanyahu lamentou sua morte, chamando-o de “um elo importante na cadeia de estudiosos da *Torá*”. Ainda conforme Netanyahu: “Sua excepcional proficiência em fontes judaicas se fundiu com suas nobres dimensões. Foi um guia para as comunidades judaicas em Israel e no mundo. Ele possuía a característica de ser uma pessoa de extrema gentileza e recebia calorosamente todas as pessoas com boa vontade e simpatia. Sua essência era sabedoria, tolerância, amor pelas pessoas e pelo país.”

O presidente Reuven Rivlin disse que estava profundamente triste ao ouvir as notícias, chamando o sábio de “um erudito gigante da *Torá* com um

profundo senso de responsabilidade por todo o Povo de Israel”. Rivlin disse que se lembrava com carinho das conversas que teve como membro do Knesset com o Rabino Bakshi-Doron enquanto era rabino-chefe, e observou seu “cuidado sincero com todas as pessoas e seus esforços para ajudar as mulheres a quem foi recusado o divórcio”.

O ministro do Interior Aryeh Deri saudou o sábio declarando: “Ele foi um estudioso gigante, um guia para muitos do Povo de Israel. Sua morte foi um grande golpe e estou de luto amargo, com uma dor intensa. Foi certamente uma grande perda para o Povo de Israel.”

O ministro da Defesa Naftali Bennett elogiou o ex-rabino-chefe em um comunicado, chamando-o de “um homem de bondade e doação, que se esforçou para aproximar e unir o Povo de Israel”.

“Tive o privilégio de conhecê-lo de perto, apreciar seus conselhos e ser abençoado por sua boca sagrada muitas vezes”, disse o prefeito de Jerusalém Moshe Leon. “A cidade de Jerusalém, onde ele trabalhou, estudou e criou sua família, comemorará com carinho sua memória em um futuro próximo”, acrescentou.

“Meu coração está triste pela morte do rabino”, disse o ministro da Educação Rafi Peretz. “O Rabino Bakshi foi um dos maiores líderes da *Torá* nas últimas gerações, mestre de rabinos, dedicado à *Torá* e à nação de Israel de uma maneira notável.”

O ministro dos transportes Bezalel Smotrich disse que “o rabino se conectou a todas as partes da nação e liderou seus deveres com uma posição firme pela dignidade da *Torá*”.

**ESTA MATÉRIA FOI PATROCINADA
PELA ZARAPLAST.**



הרב ש. י. חיים קניבסקי
שכון חזון איש, בני ברק

בס"ד כ"ד אייר ל"ט למטמונים תש"פ

אל כבוד הרבנים הגאונים וגבאי בתי כנסיות שבכל אתר ואתר, ה' עליהם יחיו הנה בעונתינו הרבים כבר כמה שבועות שנגרשנו מבתי כנסיות ובתי מדרשות כעבד שבא למוזג כוס לרבו ושפך לו קיתון על פניו, ונראה שזהו אות מן השמים בעוון שמזלזלים בקדושת ביהכ"ס בזה שבשעה שמתפללים הפלאפונים פתוחים ומדברים בהם והוי זלזול גדול בתפילה ובקדושת ביהכ"ס שלא שערום אבותינו מעולם והוא נגד ההלכה בשו"ע או"ח קנ"א ובזה"ק ויקהל דף ר"ה ב' איתא דברים נוראים בזה.

ולכן יש לתקן תקנה קבועה שאיסור חמור להכנס לביהכ"ס להתפלל עם פלאפון שאינו כבוי וכל זמן התפילה הוא מנותק, ועל הגבאים מוטל האחריות להזהר ולהזהיר בזה חק ולא יעבור.

גם מן הראוי כשנזכר במהרה לחזור לבכ"ס שהרבני ביהכ"ס יחזקו ויעוררו ויאמרו דברי חיזוק בגודל האיסור החמור בזלזול קדושת בתי כנסיות ובתי מדרשות.

ובזכות שנקבל ע"ע דברים אלו יחזירו המקום במהרה לעבודתו בבתי כנסיות ובתי מדרשות ברוב עם ויקבל תפלתינו באהבה וברצון.

ת"ת
 חיים קניבסקי

כמו כן יש לזהר מלדבר דברים בטלים בבית הכנסת

י"ג אדר א"ת

Carta do Gaon Hagadol Rabi Chaim Kanievsky Shelita Escrita Durante a Pandemia do Novo Coronavírus

Rabino S. Y. Chayim Kanyeviski
Shikun Chazon Ish, Benê Berac

BS"D, 24 de Iyar, 39 lamatmonim, 5780

Aos respeitáveis rabinos gueonim e gabayim das sinagogas em todos os lugares, que Hashem os proteja.

Eis que, por conta de nossos muitos pecados, há semanas fomos expulsos das sinagogas e centros de estudos, como servos que oferecem um copo ao seu mestre, que joga o conteúdo em sua face.

Parece que este é um sinal dos Céus por decorrência do pecado de desprezo à santidade das sinagogas, porque enquanto se reza, os celulares estão ligados e sendo usados. Isso é um desprezo grande às orações e à santidade das sinagogas. Algo nunca visto anteriormente, contra a lei judaica expressa no Shulchan Aruch Orach Chayim capítulo 151. No "Zôhar Hacadosh" Parashat Vayakhel página 205b constam palavras impressionantes sobre isso.

Sendo assim, é necessário instituir regras fortes no sentido de proibir seriamente a entrada de pessoas nas sinagogas para rezarem com celulares que não estejam desligados, e que permaneçam desligados durante todo o tempo das orações. Os gabayim têm a obrigação de cuidar e advertir os congregantes de forma rígida quanto a isso.

Também é recomendável, quando tenhamos o mérito em breve de retornar às sinagogas, que os rabinos responsáveis despertem o público quanto à gravidade da proibição de desprezo à santidade das sinagogas e centros de estudos.

Pelo mérito de aceitar esse compromisso, Hashem nos permitirá retornar às nossas sinagogas e centros de estudos com uma grande união e receberá nossas preces com amor e boa vontade.

Rabino Chayim Kanyeviski

Da mesma forma, é preciso cuidar para evitar conversas vãs nas sinagogas.

Rabino Gershon Edelstein



Semear e
Construir

Exigências

Quanto às exigências que os pais demandam de seus filhos, quando, como e com que objetivo fazê-las?

Rabino I. Dichi

Como regra geral, não é benéfico espremer a criança com exigências. Não se pode estar todo o tempo solicitando algo. Contudo, a partir do momento que se faz uma solicitação, não se deve abrir mão do seu cumprimento. Quando, após uma análise coerente, os pais chegam à conclusão de que precisam exigir determinada atitude do filho, não devem ceder até que a criança atenda a solicitação. É importante insistir que seja satisfeita. Caso contrário, a criança se acostumará a não ser responsável.

É preferível fazer cada pedido de forma que a criança o acate de bom grado. Certamente, cabe aos pais agir com habilidade, com sabedoria, de forma que não seja necessário bater ou gritar.

Os pedidos sempre devem ser feitos após uma análise de bom senso. Muitas vezes, os pais exigem atitudes dos filhos apenas para demonstrar que são eles que mandam. Isso não gera boas consequências. Os pedidos devem ser realizados em benefício da aprendizagem dos filhos, da boa educação, para sua saúde... Uma análise fria e coerente deve preceder toda conclusão de que a exigência é benéfica

Tomemos o exemplo de uma criança que precisará acordar cedo no dia seguinte para ir à escola. Como ela estará descansada no dia seguinte se for dormir muito tarde? Digamos que o pai tenha avaliado essa situação, resolvendo apagar a luz do quarto para que ela durma. Isso deve ser feito com jeito – sem gritos ou tapas – de forma que a criança entenda, aceite, e não acenda mais a luz.

Analisemos determinadas exigências com finalidades prejudiciais para a educação dos filhos. São exigências comuns, realizadas sem uma análise coerente e benéfica, mas que podem passar despercebidas. Frequentemente os pais tomam tais atitudes imaginando que são positivas, mas de fato não há nenhuma ligação entre elas e a verdadeira educação. São posturas resultantes do egoísmo dos pais para satisfazer seus próprios interesses.

Por vezes, tais atitudes são provenientes do caráter negativo dos pais. Esse tipo de conduta, quando analisado em relação a um colega, seria tomado como grotesco e nada gentil. Assim, nunca seria tomado em relação a um outro adulto, por ser obviamente encarado de mau caráter e vergonhoso. Ainda assim, em relação aos filhos, os pais se aproveitam da situação – por serem adultos e mais fortes – utilizando essa carga negativa.

As atitudes que um adulto não tomaria em relação a um amigo, por serem encaradas como negativas, também não podem ser tomadas em relação aos filhos.

O comportamento negativo dos pais provém de qualidades negativas como inveja, ódio, busca do respeito, nervosismo, orgulho e outras. Com isso, erram na educação dos filhos motivados, basicamente, pelo desejo íntimo de quererem impor-se pela autoridade sobre eles. É como se dissessem constantemente: “Ele é meu filho e eu posso fazer o que eu quiser! Posso dominá-lo sem limites.”

Vejam brevemente como atuam três dessas características negativas na educação dos filhos: a inveja, a busca pelo respeito e o nervosismo.

Um exemplo clássico de inveja: Uma mãe – ou um pai – que vê o filho do vizinho ajudar mais a mãe dele. O filho do vizinho é mais prestativo que

o seu e ela fica com inveja. Baseada nisso, a mãe decide obrigar seu filho a ajudar mais em casa. Essa atitude não foi proveniente do bom senso, com objetivos educacionais e precedida por uma análise racional. Dois fatores motivaram a decisão da mãe: a inveja dos vizinhos e o desejo de governar absolutamente o filho, aproveitando-se do fato de a criança ser mais fraca.

Cada criança possui seu próprio potencial e características singulares. Não se pode exigir comportamentos de uma criança observando as atitudes dos próprios irmãos, quanto mais dos vizinhos!

Como os pais devem agir, então, quando observam alguma qualidade em outra criança? Eles precisam refletir antes de tomar qualquer atitude. Primeiramente é necessário tirar a inveja do coração. Depois, analisar se a criança tem condições de fazer o que o outro faz e se é benéfico para ela também. Se chegarem a uma conclusão afirmativa, aí sim devem fazer a exigência – sempre com habilidade. Assim, a conduta dos pais não será motivada pela inveja, mas pela avaliação racional da sua necessidade.

Analisemos um outro exemplo, sobre outra característica negativa – a busca pelo respeito. Quando os pais recebem visitas, exigem que o filho vá cumprimentá-las de forma educada e que se comporte bem. Assim, os pais recebem elogios e o respeito dos visitantes. Esse respeito traz satisfação pessoal aos pais. Se eles procedem dessa forma para satisfazer seu desejo por honrarias, não é benéfico para a educação dos filhos. Se fazem isso porque desejam que os filhos aprendam as normas de uma pessoa bem educada, levando em consideração sua idade, suas capacidades, seu potencial, aí sim é positivo.

O nervosismo é outra caracterís-

tica negativa, extremamente prejudicial, na educação dos filhos.

Nossos sábios afirmam que aquele que fica nervoso é como se estivesse praticando o gravíssimo pecado de idolatria. Mas qual a relação entre o nervosismo e a idolatria? O *Rav Yitschac Aizik Cher zt”l, Rosh Yeshivá* de Slobodka, explica essa questão de uma forma muito clara. O nervosismo é uma reação das pessoas pelo fato de outros não agirem conforme o seu desejo. Ou seja, desperta-se o nervosismo quando acontece algo contra a vontade da pessoa. Mas quem disse que os fatos precisam acontecer do jeito que nós queremos? Eles acontecem conforme o que *Hashem* quer! Quem ignora isso e quer que as coisas aconteçam como ele mesmo quer, é como se estivesse praticando a idolatria.

No contexto da educação dos filhos, as possibilidades de se ficar nervoso são inúmeras. Isso porque são muitas as vezes que a criança não faz o que os pais desejam. Assim, os pais têm a oportunidade de tornarem-se “excelentes nervosos”, sendo necessário um esforço constante de autocontrole.

Os pais podem racionalizar suas más características, encobrindo-as sob o pretexto da educação. Se um pai fica nervoso e bate no filho, pode se justificar dizendo “É para o bem dele, para sua boa educação”, em vez de reconhecer que agiu mal, motivado pelo nervosismo. Se por causa de inveja os pais exigem algo do filho, para encobrir o defeito também podem alegar que estão “educando”. O mesmo acontece em relação à busca pelo respeito e a outras más características.

Nesses casos, os pais enganam a si mesmos. Se as suas atitudes são motivadas por desejos pessoais, é uma ilusão imaginarem que estão praticando uma boa educação. Esses interesses

fazem com que os pais não considerem o verdadeiro perfil do filho. Julgam-no como um objeto de sua posse, com direito ilimitado de usufruto. Olham o filho como se a sua finalidade fosse trazer algum benefício para eles.

Há pais que sentem responsabilidades e obrigações em relação aos filhos, mas ainda assim o vêem como um objeto para ser usado a seu bel-prazer.

Muito já foi falado sobre educar os filhos “*al pi darcô* – conforme o caminho deles” – e não conforme os nossos interesses. As capacidades da criança e o seu aprimoramento educacional é que devem ser considerados.

Cabe comentar que nem mesmo em relação ao dinheiro que trazemos nos bolsos podemos pensar “é meu e eu faço o que eu quiser”. D’us nos dá dinheiro exclusivamente para realizarmos a Sua vontade. Antes de gastá-lo com qualquer coisa proibida, *chas veshalom*, a pessoa deveria repensar mil vezes sua atitude. Pois foi *Hashem* que lhe confiou suas posses, conforme consta explicitamente (Chagay 2:8): “*Li hakêssef Veli hazahav neum Hashem Tsevacot* – A Mim pertence a prata e a Mim pertence o ouro, disse *Hashem* dos exércitos celestiais”.

Tudo o que existe no mundo é de D’us. A própria pessoa é Dele, quanto mais esses pedaços de papel que le-

vamos nos bolsos! Como uma pessoa pode ter a coragem de usar o dinheiro que *Hashem* lhe deu para comprar algo proibido, contra a Sua vontade?!

Quanto ao nosso assunto, especificamente, se nem você é seu, quanto mais seu filho, que não pode ser encarado como um objeto seu!

Levando esses ensinamentos a um âmbito mais abrangente, encontramos um objetivo que devemos almejar em relação a todas as nossas atividades – não somente em relação à educação dos filhos. Como princípio básico, devemos trabalhar nossa personalidade a ponto de deixar de lado interesses pessoais e egoísmo, analisando as situações de uma forma fria e racional. Esse é o trabalho mais difícil do ser humano.

Procurando educar de forma adequada e estudando o assunto, o próprio educador – o pai, o professor – acaba aprimorando suas virtudes e adquirindo um perfil cada vez melhor para educar os outros. Uma pessoa que não é educada – que não possui virtudes – não tem condições de educar os outros.

Esse conceito, de aprimorar as virtudes gradativamente, só pode ser alcançado por intermédio do estudo da *Torá*. Estudando a natureza humana através dos conselhos

dos nossos sábios, podemos chegar a melhorar nosso comportamento. Podemos adquirir um autocontrole dos pensamentos e impulsos de inveja, nervosismo, busca de honrarias e todos os outros. Há inúmeros livros que tratam de como combater essas características negativas. Somente assim aperfeiçoamos nossas qualidades e o relacionamento com nossas famílias, com a sociedade em geral e, particularmente, no que diz respeito à educação dos nossos filhos. Isso é óbvio para todos nós, que em certa época não estudávamos. A partir do momento que passamos a estudar o que dizem nossos sábios no sentido de aprimorar nossas virtudes, a reflexão imparcial começa a tomar o lugar dos impulsos e interesses pessoais.

Mesmo que alguém tenha uma natureza extremamente refinada, que *Hashem* lhe tenha outorgado uma sensibilidade muito boa, ainda assim o estudo é primordial, pois com o tempo essa pessoa acabaria sendo influenciada pela “poluição do meio ambiente”.

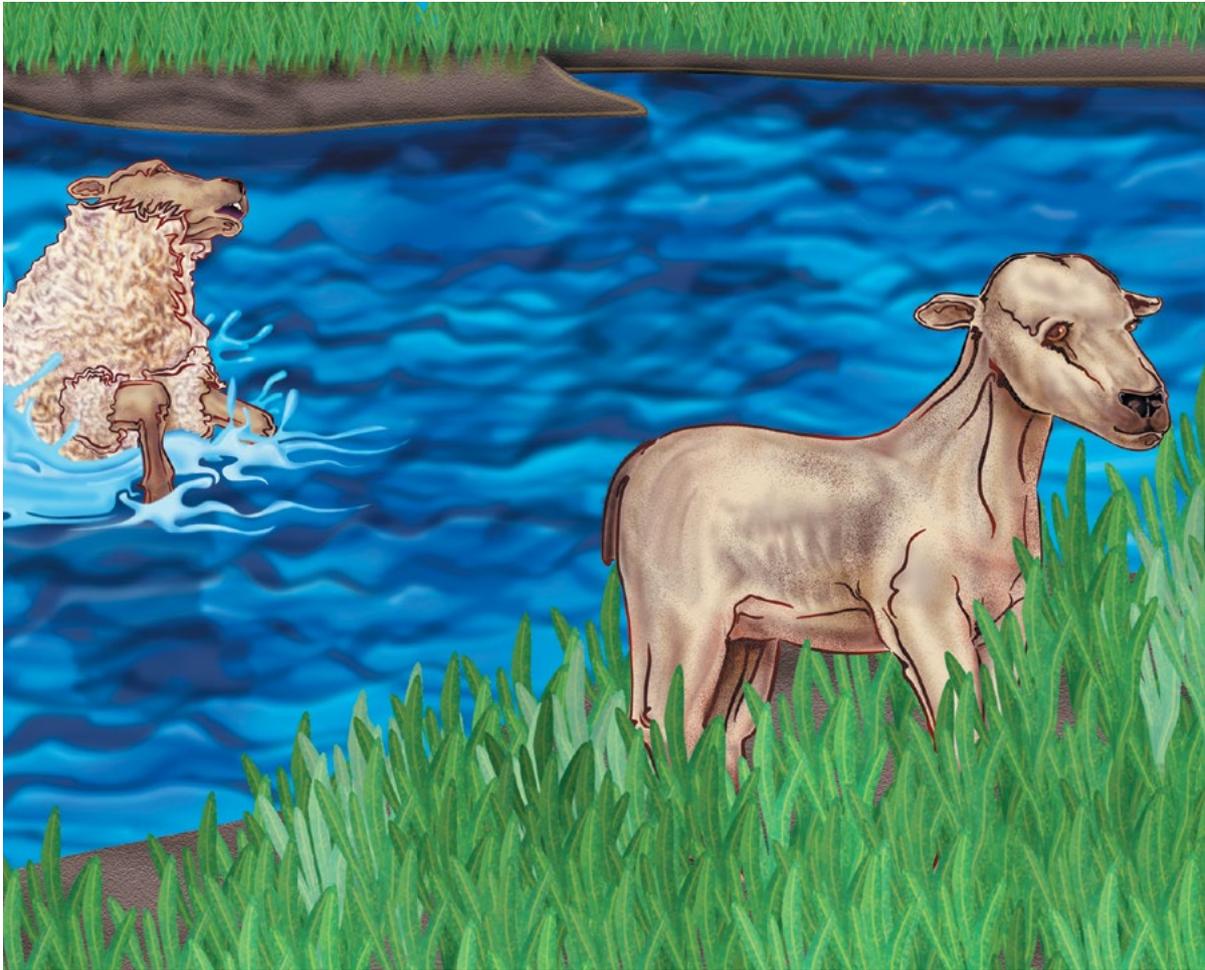
do shiur sobre educação ministrado pelo Rabino Isaac Dichi Shlita, baseado no livro “*Zeriá Ubinyan Bachinuch*” do Rabino Shelomô Wolbe zt”l

“*Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.*”

Ética dos Pais 5:23

Albert Choueke e família

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pelo belíssimo trabalho de divulgação da nossa sagrada *Torá*



Duas Ovelhas

Quando duas ovelhas tentam atravessar um rio com água corrente, a ovelha tosquiada consegue passar, enquanto a outra é levada pela correnteza.

* * *

Este é o exemplo que a *guemará* (Guitin 7a) cita, para transmitir o conceito de que “tsedacá tatsil midináh shel Guehinam” – a caridade salva as pessoas do Julgamento do Purgatório.

Um Desafio

1

O nome de Rashi, famoso comentarista da Torá e do Talmud, é:

- a) Rabi Shimon bar Yochai.
- b) Rabi Shelomô Yitschaki.
- c) Rabi Shemuel Yehudá.
- d) Rabi Shimon ben Yaacov.

2

Rashi viveu nos anos:

- a) De 301 a 366.
- b) De 612 a 777.
- c) De 1040 a 1105.
- d) De 1705 a 1770.

3

Rashi sustentava sua família:

- a) Consertando sapatos.
- b) Criando abelhas e fabricando mel.
- c) Cultivando videiras e fabricando vinhos.
- d) Cultivando trigo e vendendo pães.

4

O Rambam (Maimônides), famoso compilador das leis judaicas, nasceu:

- a) Na cidade de Milão, Itália.
- b) Na cidade de Córdoba, na Espanha.
- c) Na cidade de Lisboa, em Portugal.
- d) Na cidade do Cairo, no Egito.

5

Rambam viveu nos anos:

- a) De 1135 a 1204.
- b) De 1429 a 1498.
- c) De 1774 a 1843.
- d) De 1816 a 1890.

6

O nome do Rambam (Maimônides) é:

- a) Rabi Moshê ben Maymon.
- b) Rabi Maymon ben Yitschac.
- c) Rabi Maymon ben Moshê.
- d) Rabi Yitschac ben Maymon.

7

O nome do famoso sábio conhecido como Chafets Chayim é:

- a) Rabi Shimshon Refael Hirsch.
- b) Rabi Chayim Ozer Grodzenski.
- c) Rabi Avraham Mordechay Alter.
- d) Rabi Yisrael Meir Hacoheh Kahan.

8

O Chafets Chayim é conhecido por este nome:

- a) Porque salvou muitas vidas.
- b) Porque dava preferência à vida do próximo em detrimento à sua.
- c) Por ter se salvado da morte quando criança.
- d) Por causa do livro que escreveu sobre as leis de maledicência.

À Sua Sabedoria



O Chafets Chayim:

- a) Era estudioso do movimento conhecido como Mussar e também compilou a famosa obra sobre leis chamada “Dêrech Hachayim”.
- b) Era estudioso do movimento conhecido como Chassidismo e também compilou a famosa obra sobre leis chamada “Dêrech Hachayim”.
- c) Era estudioso do movimento conhecido como Chassidismo e também compilou a famosa obra sobre leis chamada “Mishná Berurá”.
- d) Era estudioso do movimento conhecido como Mussar e também compilou a famosa obra sobre leis chamada “Mishná Berurá”.



O Rav Moshê Feinstein:

- a) É o autor da obra “Igrot Moshê” e foi um dos maiores líderes judaicos nos Estados Unidos ao lado do Rav Aharon Kotler.
- b) É o autor da obra “Teshuvot Moshê” e foi um dos maiores líderes judaicos nos Estados Unidos ao lado do Rav Isser Zalman Meltser.
- c) É o autor da obra “Igrot Moshê” e foi um dos maiores líderes judaicos na Europa ao lado do Rav Isser Zalman Meltser.
- d) É o autor da obra “Teshuvot Moshê” e foi um dos maiores líderes judaicos na Europa ao lado do Rav Aharon Kotler.



O famoso líder e legislador judaico Rav Moshê Feinstein:

- a) Era descendente do rei David e nasceu no mesmo dia que Avraham Avínu.
- b) Era descendente do Rambam e nasceu no mesmo dia que o rei David.
- c) Era descendente do Moshê Rabênu e nasceu no mesmo dia que Rambam.
- d) Era descendente do Gaon de Vilna e nasceu no mesmo dia que Moshê Rabênu.



Rav Moshê Feinstein:

- a) Faleceu no ano de 5726 (1966) e foi enterrado em Nova Iorque, ao lado dos rabinos Isser Zalman Meltser e Aharon Kotler.
- b) Faleceu no ano de 5746 (1986) e foi enterrado em Nova Iorque, ao lado dos rabinos Yonatan Steif e Mordechai Guifler.
- c) Faleceu no ano de 5746 (1986) e foi enterrado em Jerusalém, ao lado dos rabinos Isser Zalman Meltser e Aharon Kotler.
- d) Faleceu no ano de 5726 (1966) e foi enterrado em Jerusalém ao lado dos rabinos Yonatan Steif e Mordechai Guifler.

Pensamentos

Ao dar um conselho, procure ajudar,
e não agradar, ao seu amigo.

A melhor solução para pequenos problemas
é ajudar pessoas com grandes problemas!

A alegria é um perfume impossível de
borrifar sobre os outros sem que algumas
gotas caiam sobre si mesmo.

Não conte os dias;
faça seus dias contarem!

Uma ferida ruim pode sarar,
mas um mau nome pode matar!

O tempo voa... mas nós somos os pilotos.



Receptores

Os receptores são objetos especialmente projetados para receber sinais. Um rádio é especificamente projetado para receber um tipo especial de sinal. Todos os elementos que ele contém são necessários para isso. Corte um único fio, remova um só capacitor, por menor que seja, e você deixará de receber o sinal.

Existem regras precisas pelas quais um rádio precisa ser construído. Elas incluem todas as leis do eletromagnetismo e dos circuitos. Se elas não forem seguidas exatamente, o rádio não funcionará.

Os tefilin são o nosso receptor para um sinal espiritual. Como tais, eles precisam ser desenhados para receber este tipo particular de sinal. Infrinja uma única regra e eles se tornarão como um rádio com um transistor a

menos. A ligação já não existirá mais.

Podemos levar a analogia ainda mais longe. Você precisaria ter uma educação científica extensiva para apenas começar a entender como funciona um rádio. Você precisaria saber cálculos e equações diferenciais e todas as complexidades da teoria eletromagnética. Mesmo assim, até uma criança muito pequena pode ligar um rádio.

O mesmo vale para as mitsvot. Uma vida inteira de estudos poderia levar você a começar a entender a sua importância. Mas qualquer um pode usá-las e receber o sinal!

do livro
“Tefilin – A Conexão com o Infinito”
 Rabino Aryeh Kaplan
 Editora Maayanot

Sobre a Vida e a Morte

Esta carta foi enviada pelo sábio Rabi Yonatan Eibshits zt”l à sua cunhada e filhos após o falecimento de seu cunhado, Rabi Zalman Tarani zt”l.

Rabi Yonatan Eibshits zt”l

Paz e saudações à minha cunhada e seus filhos – que o Eterno os console e estenda sobre vocês a Sua proteção, sendo para vocês um pai e um protetor para curar seus corações despedaçados.

Não consigo escrever por causa da dor terrível e do pesar. Para mim é muito difícil consolá-los, a você, minha cunhada, e a seus queridos filhos, e especialmente a meu amigo Michal, que tenha longa vida. Meus olhos deram lágrimas e meu coração feneceu, e os Céus são testemunhas que não sofri tanto sobre o meu falecido irmão z”l e não senti tanto pesar como agora.

Quando discurssei na sinagoga palavras de admoestação e sermão, por ocasião da data do falecimento de Moshê *Rabênu*, o falecido me veio à lembrança e fiz um luto particular, prestando minha homenagem a ele. Contudo, não consegui ainda consolá-los de acordo com nosso costume, pois silencieei com meu desalento.

Todavia, eu peço a vocês honrarem o Todo-Poderoso e não sofrerem demasiadamente. Minha cunhada, que já era debilitada, agora precisa dar mais

atenção às crianças do que antes, e assim, vocês precisam se fortalecer e receber com amor e afeto tudo o que vem do Eterno, pois Ele fere e cura. Vocês perderam um pai de carne e osso, mas receberam em troca como pai o Eterno abençoado, que é chamado (Tehilim 68:6) de o “Pai de órfãos e Juiz de viúvas”.

E eis que vemos claramente no mundo, que a maioria dos jovens bem-sucedidos na *Torá*, na sabedoria, temor a D’us e boas ações, são justamente órfãos, pois o Eterno se apieda dos órfãos e cuida deles com zelo especial.

Como é cega e obscura a sabedoria dos homens! Que razão temos para lamentar os atos Divinos? Acaso sabemos o que é bom e o que é mau? Acaso somos sábios como Ele? Acaso somos piedosos e praticamos o bem como Ele? Apiedamo-nos dos órfãos, amamos a bondade e a piedade como Ele? Prevemos as consequências ou ajudamos o próximo como o Eterno?

Pois Ele é a Sabedoria, a Piedade e a Verdade na sua essência.

E certamente, se na Sua Divina Sabedoria tivesse determinado que existe uma parte em um milhão de bem

neste mundo, que ainda pudesse ser proveniente desse homem, ele sem dúvida estaria vivo. Pois o Eterno afasta toda a desgraça e escolhe o benefício, mesmo que haja apenas uma ínfima parte boa mesclada de mal. E por isso é chamado Bem – o Bem que beneficia aos ímpios e aos bondosos. E disse o Rei David (Tehilim 145:9): “D’us é bom para todos e Sua misericórdia alcança todas as Suas criaturas” – sem exceção, quanto mais com relação a Seu povo querido *Yisrael*. Mais ainda em relação ao homem que cumpre os mandamentos e pratica seus atos com pureza e retidão; o Eterno faz questão de cada minuto, para que viva. Ele, abençoado seja, conta cada minuto de vida do justo (ou, digamos, conta cada minuto que falta até tal justo ser criado). Quer muito mais que ele viva do que seu desligamento do mundo.

E está claro que Ele, abençoado seja, com Sua sabedoria completa, discerniu que esta era a Bondade suprema, e o que é preciso aos Seus olhos é justamente beneficiar Seus seguidores.

Assim sendo, por que sofrer?

Acaso não queremos reconhecer

a bondade do Criador? Acaso Ele não sofre e apieda-Se da esposa e em particular dos filhos pequenos e órfãos, que parecem, após a morte do pai, um rebanho perdido? Certamente não menos do que a família mergulhada em sofrimento.

Acaso o Eterno não tem sofrimento quando o homem padece? Ainda mais tratando-se de uma viúva e órfãos que nunca provaram o sabor do pecado. Pois D'us sofre até com o idólatra, aquele que amaldiçoa Seu Nome, que é apedrejado por sentença de tribunal e depois pendurado. E muito mais num sofrimento como este, como está escrito (Yeshayáhu 63:9): “Em todas as desgraças (do povo), Ele padece”.

Porém, o Eterno não é como as pessoas que não podem alterar ou evitar suas tristezas. Ele pode alterar tudo. Assim, é fácil entender que, se Ele não achasse que esta é a bondade e o bem completos, com certeza não traria este sofrimento. Portanto, Ele achou que isto só traz o bem, mesmo que venha acompanhado, sem dúvida, de grandes infortúnios.

Isso é comparável ao exemplo do jovem que é levado ao seu mestre para receber um castigo, e com o doente a quem foi prescrito, por orientação médica, a aplicação de ventosas. É óbvio que é permitido ao jovem ou ao doente gritar de dor, e todos participam do

seu sofrimento. Contudo, sabemos que isto é para o bem do jovem e do doente, e a piedade, neste caso, passa a ser crueldade.

Assim é também com o Rei de todos os reis, abençoado seja, pois Ele sabe que não se deve evitar a morte em função do sofrimento e preocupações, uma vez que isto é o melhor para a alma pura do falecido e para o bem dos órfãos, mesmo que não o compreendamos.

Pois o que sabemos nós sobre o que é bom?

Muitas mães que ficam doentes e após o que, recuperam-se, recebem por vezes um sofrimento tão terrível por causa dos filhos até desejarem ter morrido então, quando estavam doentes.

A vida das pessoas depende da vontade do Todo-Poderoso: às vezes Ele decide ser preferível sofrer infortúnios para expiar os pecados, outras vezes decide diferente.

Por que deve o cego brigar com o seu guia, reclamando não tê-lo levado por caminhos retos, sendo este, cego, e seu guia, alguém esperto e que enxerga?

Perante o Eterno somos todos cegos. Apenas Ele vê, enxerga e observa até o fim de todas as gerações. Por que devemos chorar e gritar pela morte de um homem?

Perante quem o Todo-Poderoso

tem alguma obrigação com relação a quantos anos deve viver?

Se não sofremos tanto com a morte de um homem após os oitenta anos, por que sabemos sofrer com a morte de um de trinta? Afinal, dá tudo na mesma: se um homem viver mil anos, também é como se não existisse.

Acaso alguém se lamenta por um sonho?

Existem aqueles que dormem durante muito tempo com um belo sonho e há aqueles que acordam no meio dele. Com certeza, aquele que acorda no meio de seu sonho, lamenta, mas afinal este não é um sofrimento real, pois o sonho é uma das vaidades do mundo. Assim é o mundo – como um sonho. Existem aqueles que acordam no meio do sonho, existem aqueles que dormem durante todo o sonho e existem aqueles que dormem a maior parte do sonho. Contudo, não há diferença, pois tudo não passa de um sonho.

Por que devemos lamentar, na diáspora, a morte de um homem, numa época em que só se vê sofrimento, desespero e desalento entre o nosso povo sagrado *Yisrael*, que foi afastado de sua querida mãe – a Presença Divina?

Nós erramos como um rebanho que é levado de um canto para o outro.

Somos considerados como mortos dentro de nossos corpos, pois não te-

David Abadi e Família

Desejam muito
sucesso material
e espiritual para
toda a kehilá.

IPL
INCORPORADORA PAULISTA LTDA.

IP

O judaísmo
mais perto de você!

editora & livraria
SÉFER

A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366
www.sefer.com.br

mos neste mundo nada além de medo, sofrimento e agonias.

Mesmo mortos teremos nossa redenção e levantaremos de nossos túmulos. A isto chama-se Ressurreição dos Mortos, quando seremos redimidos de nossos túmulos e chegaremos vivos ao mundo verdadeiro, que é todo verdade e retidão. Lá é o mundo da alegria, onde foi banido o desespero e o desalento, onde não existe fraqueza nem cansaço, pois tudo é envolvido pela luz Divina.

Já houve na Antiguidade muitos gentios que se suicidavam com o anseio de sair do mundo das trevas e alcançar o mundo que é todo luz. D'us, porém, proibiu-nos isso, como está escrito "...e cuida muito de tua alma..." (Devarim 4:9). Ele sabe quando é o tempo para a vida ou para a morte, e assim nós vivemos ou morremos de acordo com a vontade do Eterno.

Por isso, cuidem muito de sua saúde, pois isto é mais importante do que apenas dizer *Cadish* pelo seu pai *z"l*. Pois é uma *mitsvá* maior que cuidem de sua saúde e aceitem tudo o que vem de D'us com amor e afeto, e isso será recebido com vontade pelo Todo-Poderoso.

Um rei que manda seus servos a outros países, a seu serviço, seria um tolo se os chamasse de volta sabendo que sua missão ainda não se completou. Porém, quando vê que já terminaram o que tinham a fazer ali, imediatamente os chama de volta.

Da mesma forma, todos estamos neste mundo a serviço do Criador, para servi-Lo e aprimorar Sua obra. Para isso fomos criados. Assim, se o Todo-Poderoso encontrar em alguém a possibilidade de servi-Lo mais, com certeza não há de chamá-lo deste mundo para o Mundo Vindouro.

Por que devemos chorar nossas mortes? Acaso não sabemos que o Mundo Vindouro é melhor do que o presen-

te? Assim, não devemos nos enlutar com a morte de um homem; apenas o mínimo necessário, pois a mudança do mundo passageiro para o mundo eterno é uma mudança para melhor.

Deveríamos chorar pelos órfãos e viúvas?

Será que alguém é capaz de salvar alguma coisa? Será que alguém é capaz de ajudar a si próprio? Muito menos a uma mulher e filhos. A ajuda dos homens é má.

Afinal, de que somos e de que vale a salvação dos homens? Se o Todo-Poderoso ajuda, isto é uma salvação, pois Ele é eterno e vive para todo o sempre. Ele não tem necessidade da ajuda dos homens. Ele pode sozinho salvar os órfãos e viúvas e o faz realmente, sem precisar apoiar-Se no chefe da família.

Porém, se o sofrimento provém da falta que sentimos do ente querido, este é realmente o comportamento normal e a natureza dos homens. Mas isto não se aplica ao Povo de Israel, que se apóia no Todo-Poderoso. Afinal, quantos são os anos do homem neste mundo, após o que nos encontramos todos juntos no mundo verdadeiro?

Um rei envia os filhos de seus súditos para estudarem no estrangeiro. Aqueles jovens mais qualificados rapidamente cumprem seus estágios e retornam, enquanto os mais fracos alongam sua estadia.

Da mesma forma D'us age conosco. Aqueles que Ele ama, são chamados rapidamente de volta. E por isso está escrito (Devarim 14:1): "Filhos vocês são perante o Eterno; não se aflijam...". Não devemos sofrer pela morte de um homem que, na realidade, apenas voltou para a companhia de seu pai. Que motivo temos para tanta aflição?

É nossa obrigação receber tudo o que vem do Eterno, com amor e alegria.

Quando ele, há onze anos atrás,

estava muito doente, não fosse a bondade e a piedade do Eterno, abençoado seja, já estaria morto e sua lembrança esquecida em nossos corações.

Acaso o Todo-Poderoso não é também agora tão piedoso quanto o foi naquela ocasião? Pois está escrito (Mal'achi 3:6): "Eu sou Eterno; não mudei...". Ele, abençoado seja, não é sujeito a mudanças, e assim, é fácil supor que neste momento Ele tenha determinado que não era o caso de mais piedade.

Assim, peço que fique tranquila, pois o Eterno trará muitas alegrias aos seus queridos filhos e seu coração despedaçado voltará ao seu vigor. Busque consolo na destruição de Jerusalém, pois somos obrigados a nos enlutar por isso todos os nossos dias, como uma mulher que pranteia o marido de sua juventude.

Para nós de *Yisrael*, está morto o marido e o pai, e assim, somos todos órfãos e viúvas, como disse o profeta Yirmeyáhu (Echá 5:3): "Tornamo-nos órfãos sem pai; nossas mães, como viúvas".

Além de tudo, nós erramos na diáspora, sem líder, sem Sumo Sacerdote, sem *San'hedrin*, profetas, *Urim Vetumim*, sem altar e todas as nossas preciosidades que nos foram tiradas.

Na verdade, qualquer um que pertença a nosso povo, se meditar sobre a destruição do Templo e de Jerusalém, haveria de dar cabo de si próprio, tamanho é o desconsolo. Pois caímos da grandeza para a humilhação desta diáspora que já se prolonga por tantos anos... Contudo, essa atitude nos foi proibida e certamente nos consolamos com a certeza de que D'us irá nos redimir, reconstruindo Jerusalém quando chegar o momento certo, pois um fruto maduro é muito melhor do que aquele colhido antes da hora.

Assim como nós ansiamos pela

nossa salvação, que certamente virá, o Eterno ajuda os corações despedaçados da mesma forma e muito mais; Ele consola todos os órfãos e viúvas.

Lembre-se de que não se esgotou a compaixão do Eterno, pois ela é infinita e ininterrupta. Como foi dito: “As desgraças de todos são meio consolo”, e neste ano tivemos uma maior do que a outra. Com certeza, o Eterno, abençoado seja, Se compadecerá de vocês, pois Ele Se compadecer dos órfãos e os ampara.

Não se aflija neste mundo, pois ele não passa, na sua essência, de apenas vaidades.

Daryavesh (Dario) foi um grande rei e era filho único. Ainda jovem, adoeceu gravemente e viu aproximar-se seu fim. Antes de morrer, recomendou à sua esposa e à sua mãe que não começassem a chorar sua morte até

que viesse alguém e contasse algo negativo sobre ele. Só então, elas deveriam prantear pela sua vida, tão precocemente ceifada.

Quando ele faleceu, elas, em obediência à ordem real, controlaram seu pranto, aguardando que alguém viesse contar algo ruim do rei. Contudo, não apareceu nunca ninguém e elas jamais puderam chorar.

Todos os nossos sábios acharam que foi uma atitude muito certa e sábia, pois não devemos chorar pela morte em si, mas pelos atos do homem. Assim, se ele morre e não se encontra nada de negativo em sua vida, não há a menor razão para chorar.

Portanto, queridos, com isso quero finalizar. Alegrem-se, pois ele faleceu com um bom nome e sem mácula, e está escrito (Bavá Batrá 10): “Quem é merecedor do Mundo Vindouro – todo

aquele que é honrado e respeitado pelos seus companheiros”. E se ele só recebeu elogios e só é lembrado para o bem, significa que só o bem o espera.

Por que gritar e chorar, se quem sabe se vivesse mais, ele se estragaria, como um vinho bom que deve ser consumido antes que azede?

Por isso, consolamos os enlutados com o exemplo do vinho bom, pois a ele os justos foram comparados. Apenas um vinho azedo precisa esperar muito tempo até que dele possamos tomar.

Portanto, querida cunhada, vivamos com esperança em D’us, pois (Yeshayáhu 40:31): “Aqueles que confiam em D’us renovarão suas forças e ganharão as alturas como as águias...”.

De seu cunhado, Yonatan.

do livro “Ner Lechayim”
de autoria do Rabino Isaac Dichi

Daf Hayomi

Acompanhe as aulas diárias de Guemará no Portal Judaico Brasileiro www.revistanascente.com.br

Aulas de TODAS as páginas publicadas!

www.revistanascente.com.br

Regras Gerais Sobre as Bênçãos Anteriores e Posteriores

Quanto às exigências que os pais demandam de seus filhos, quando, como e com que objetivo fazê-las?

Rabino I. Dichi

Bênção anterior ao consumo

1. Antes de comer ou beber qualquer alimento, deve-se recitar a *berachá* adequada, independentemente da quantidade a ser consumida.

Bênção posterior

2. Entretanto, após comer ou beber, a bênção posterior à ingestão de sólidos ou líquidos será pronunciada somente se o consumo tiver sido de *cazáyit* (27 gramas em volume) de sólidos e 86ml de líquidos. Caso tenha consumido menos do citado, não recitará a *berachá* posterior.

Procedimento correto em relação a líquidos

3. Para que o indivíduo não entre no *safec* (não tenha dúvida) se deve ou não recitar a bênção posterior, os líquidos devem ser consumidos em quantidade menor que 27ml ou maior que 86ml. Caso tenha bebido mais do que 27ml, somente recitará a bênção posterior se beber 86ml.

Havdalá e copo do Bircat Hamazon

4. Pelo motivo anteriormente citado, quando bebermos o vinho da *Havdalá*, ou o vinho depois do *Bircat Hamazon* – cuja quantidade mínima é de 45ml para cumprir a *mitsvá* – devemos ingerir no mínimo 86ml para não entrar no *safec* (dúvida) mencionado no parágrafo anterior.

Consumo de cazáyit dentro de 4 minutos

5. Para poder recitar a bênção posterior sobre sólidos após o consumo de no mínimo um *cazáyit*, é necessário que este *cazáyit* seja ingerido no prazo denominado “*kedê achilat perás*”, que é de 4 minutos de preferência. Caso tenha consumido no período de 6 minutos ainda fará a *berachá acharoná*. Porém se o *cazáyit* tiver sido consumido em mais de 6 minutos não recitará a *berachá acharoná*.

Berachá acharoná sobre líquidos quentes ou muito frios

6. Com relação a líquidos, para poder recitar a *berachá acharoná*, deve-se beber o líquido de 86ml no tempo que se levaria para tomar 86ml.

Este é o costume dos *sefaradim*. Por esse motivo os *sefaradim* não recitam a *berachá acharoná* sobre líquidos, quando consumidos quentes ou muito frios, pois não se pode bebê-los no prazo (*shiur*) que se levaria para tomar 86ml. Por conseguinte, os *sefaradim* não recitam a *berachá acharoná* sobre chá, café ou algum líquido muito frio, que por estarem muito quentes ou muito frios não se consegue consumi-los no prazo que se levaria para tomar 86ml.

O mesmo se aplica à sopa quente. Porém, se ela contiver verduras (em

quantidade de *cazáyit*), será necessário recitar a *berachá acharoná* sobre as verduras, quando estas forem consumidas dentro do prazo de 4 minutos, de preferência, ou no máximo de 6 minutos. Vide neste capítulo, parágrafo 5.

Sorvete

Os *sefaradim* não recitam *berachá acharoná* sobre sorvete, a não ser que tenham ingerido 27g em volume no prazo que se levaria para tomar *reviit* (86ml) de líquido.

De qualquer forma, é aconselhável que antes de recitarem a *berachá* de *Shehacol* para consumirem o sorvete, os *sefaradim* tenham a intenção de tomar um copo de água de uma vez após o sorvete, para poder recitar a *berachá* de *Borê Nefashot*.

Os *ashkenazim* recitam *berachá acharoná* sobre sorvete quando ingerem a quantidade de *cazáyit* no prazo denominado “*kedê achilat perás*”.

Chá

7. Entre os *ashkenazim* há diferentes costumes sobre o citado no parágrafo anterior. Muitos recitam a *berachá acharoná* sobre líquidos quentes ou muito frios, contanto que sejam tomados 86ml no mínimo e que estes 86ml sejam consumidos em 4 minutos.

8. Os *sefaradim* não recitam a *berachá acharoná* sobre líquidos cujo

costume é bebê-los quentes como chá e café, mesmo quando são tomados mornos e de uma vez. Há aqueles que sustentam que ao bebê-los mornos, de uma vez, deve-se fazer a *berachá acharoná*. Portanto, para que não entre em *safec* (dúvida), é correto tomar o chá com interrupções. Aqueles que tomarem chá morno, de uma só vez e recitarem a *berachá acharoná*, têm sobre quem se basear.

Obs.: Hoje é comum tomar vários tipos de chá como refresco e há o costume de beber leite frio no verão. Neste caso, seguindo a regra do parágrafo 6, a *berachá acharoná* será recitada normalmente.

Alimentos diferentes com a mesma berachá acharoná

9. Conforme todas as opiniões, se um indivíduo comer dois alimentos diferentes sobre os quais a *berachá acharoná* seja igual e os dois alimentos juntos perfizerem um *cazáyit*, então ele recitará a *berachá acharoná*.

Exemplo 1: Comeu uma porção de maçã e uma porção de banana e juntando as duas há um *cazáyit*, recitará *Borê Nefashot*.

Exemplo 2: Comeu uma porção de figo e um porção de uvas e juntando as duas há um *cazáyit*, recitará *Al Haets Veal Peri Haets*.

Alimentos diferentes com berachá acharoná diferente

10. No caso de *ashkenazim* que tenham comido uma quantidade menor de *cazáyit* de frutas sobre as quais a *berachá acharoná* é *Borê Nefashot* e menos de *cazáyit* de frutas sobre as quais a *berachá acharoná* é *Al Haets Veal Peri Haets* e juntas essas frutas perfizerem um *cazáyit*, deverão recitar *Borê Nefashot*. A mesma regra se aplica se o *ashkenazi* comer uma fatia de pão com menos de *cazáyit* (que não o permite fazer *Bircat Hamazon*) e comer menos de *cazáyit* de algum outro

alimento sobre o qual a *berachá acharoná* é *Borê Nefashot* e juntos o pão e este outro alimento perfizerem um *cazáyit*, deverá recitar *Borê Nefashot*.

11. Se ingeriu meio *cazáyit* de pão e meio *cazáyit* de massa sobre a qual se recita a *berachá* de *Borê Minê Mezonot*, recitará a *berachá* posterior de *Al Hamichyá*.

12. Com relação aos *sefaradim*, há uma discussão entre os *possekim* (legisladores). De um lado há quem sustente conforme o citado nos parágrafos anteriores. E há outros *possekim* que sustentam, que ao comer duas espécies sobre as quais as bênçãos posteriores são diferentes, não havendo a quantidade de *cazáyit* em cada uma para poder fazer sua *berachá acharoná* corretamente, não recitará nenhuma *berachá acharoná*.

É recomendável que o indivíduo não se coloque nessa situação e tente comer a quantidade mínima necessária de um dos alimentos para poder recitar sua *berachá* correspondente. Caso se encontre numa situação como esta, não deverá recitar nenhuma *berachá acharoná*.

13. No caso em que um indivíduo tenha comido menos de *cazáyit*, até 18g em volume, das frutas sobre as quais *Êrets Yisrael* é louvada e também tenha comido menos de *cazáyit* de outras frutas sobre as quais a bênção posterior é *Borê Nefashot* e juntas as frutas perfizerem um *cazáyit*, a *berachá* a ser recitada é *Borê Nefashot*. Porém se o indivíduo tiver comido mais do que 18g das frutas sobre as quais *Êrets Yisrael* é louvada, não fará *Borê Nefashot* nem *Al Haets Veal Peri Haets*. Quem tiver comido menos do que *cazáyit* de pão e menos do que *cazáyit* de massa sobre a qual se recita *Mezonot* e juntos perfizerem um *cazáyit*: poderá recitar *Al Hamichyá*, caso tenha comido menos de 18g em volume de pão. Conforme

os *possekim* citados no parágrafo 12 e na nota bibliográfica (*marê macom*) 20, neste caso também não deverá recitar nenhuma *berachá acharoná*.

Ordem de prioridade das berachot

14. Quando alguém consumir vários tipos de alimentos deverá obedecer a uma ordem de prioridade. A ordem de importância das bênçãos anteriores ao consumo de alimentos é a seguinte:

“*Hamotsi Lêchem min Haárets*” – sobre pães feitos com farinha dos cinco cereais. Esta *berachá* será chamada daqui para frente de *Hamotsi*.

“*Borê Minê Mezonot*” – sobre massas assadas, fritas ou cozidas feitas com farinha dos cinco cereais como bolo, biscoitos, macarrão. Esta *berachá* será chamada daqui para frente de *Mezonot*.

“*Borê Peri Haguêfen*” (*ashkenazim* dizem *Hagáfen*) – sobre vinho, champanhe, conhaque de uvas, suco de uvas. Esta *berachá* será chamada daqui para frente de *Haguêfen*.

Obs.: Qualquer bebida elaborada com uvas tem de ser produzida sob supervisão rabínica competente (*hashgachá*).

“*Borê Peri Haets*” – sobre frutos da árvore. Esta *berachá* será chamada daqui para frente de *Haets*.

“*Borê Peri Haadamá*” – sobre frutos da terra. Esta *berachá* será chamada daqui para frente de *Haadamá*.

“*Shehacol Nihyá Bidvarô*” (*ashkenazim* dizem “*Shehacol Nihyê Bidvarô*”) – sobre água, carne, peixe, ovos, laticínios, cogumelos, bebidas alcoólicas destiladas ou fermentadas como aguardentes, licores, whisky, vodca, cerveja, chope, sidra, etc. Esta *berachá* será chamada daqui para frente de *Shehacol*.

Exemplos:

a) Se o indivíduo tiver diante dele bolo e frutas e quiser comer dos dois,

recitará primeiro *Mezonot* sobre o bolo e depois a *berachá* correspondente da fruta.

b) Se o indivíduo tiver diante de si frutos da árvore e frutos da terra e quiser comer dos dois, recitará primeiro a *berachá* sobre os frutos da árvore e posteriormente sobre os frutos da terra. Porém, se sua preferência for a fruta da terra, então deverá recitar *Haadamá* antes. Esta é a opinião do *Mishná Berurá*. Porém, o *Caf Hachayim* e o *Ben Ish Chay* sustentam que a *berachá* de *Borê Peri Haets* tem sempre precedência.

c) Se o indivíduo tiver diante de si uma fruta e um refrigerante ou qualquer alimento que sua *berachá* seja *Shehacol* e quiser comer dos dois, recitará primeiro a *berachá* sobre a fruta – independentemente se for *Haets* ou *Haadamá* – e depois recitará *Shehacol*.

d) Se o indivíduo tiver diante de si várias frutas e entre elas houver uma fruta sobre as quais *Érets Yisrael* (a Terra de Israel) é louvada – como azeitona, tâmara, uva, figo ou romã – e uma outra fruta, recitará primeiro a *berachá* sobre uma das cinco frutas e depois comerá a outra – se for também de árvore, com a mesma *berachá*. Se a outra fruta for proveniente da terra, deverá recitar *Haadamá*, depois de comer da anterior.

Não somente que as frutas das cinco espécies sobre as quais a Terra de Israel é louvada têm precedência sobre as outras frutas, como também há uma ordem de precedência de consumo que deve ser respeitada, entre as próprias frutas das cinco espécies sobre as quais a Terra de Israel é louvada. A ordem é a seguinte:

- 1º. azeitonas.
- 2º. tâmaras.
- 3º. uvas.
- 4º. figos.
- 5º. romãs.

A berachá de Hamotsi dispensa a berachá dos outros alimentos, exceto a sobremesa

15. A *berachá* de *Hamotsi* dispensa a *berachá* de todos os outros alimentos que são consumidos como parte da refeição, exceto a sobremesa sobre a qual deverá ser recitada a *berachá* correspondente. Arroz, feijão, carne, peixe e ovos são considerados parte da refeição. As frutas, de uma forma geral, necessitam de *berachá*, pois são consideradas sobremesa e a *berachá* de *Hamotsi* não as inclui.

Quando se recita a berachá para a sobremesa que é feita de massa

16. A *berachá* sobre as massas que são servidas como sobremesa (após uma refeição com pão e antes de recitar o *Bircat Hamazon*) é *Borê Minê Mezonot*, somente se elas tiverem as três características seguintes: crocantes, doces e recheadas.

Se o indivíduo tem conhecimento de que comerá alguma massa como sobremesa, que não seja crocante, doce ou recheada, é correto que ao recitar a *berachá* de *Hamotsi* tenha isso em mente para incluí-la na *berachá*. E se isso não for feito e a sobremesa de massa não tiver as três características mencionadas acima, é recomendável deixar para comê-la depois do *Bircat Hamazon*, recitando a *berachá* correspondente.

Sorvete como sobremesa

17. Se o sorvete servido como sobremesa for um picolé ou semelhante a ele (feito a partir da mistura de água com algum sabor, como refrigerante), não se recita *berachá*. Porém se o sorvete for feito de ovos, ou leite, ou frutas deve-se recitar *Shehacol*.

Vinho durante a refeição

18. A *berachá* de *Hamotsi* não inclui o vinho que se toma na refeição; portanto deve-se recitar *Borê Peri Haguêfen* (*ashkenazim: Borê Peri Haguêfen*) so-

bre o vinho ou suco de uva.

Nos *shabatot* e *yamim tovim*, nos quais recitamos *Kidush* antes do *Hamotsi*, todos aqueles que tomaram do vinho do *Kidush* e possuem o hábito de tomar vinho durante a refeição, não precisam recitar de novo a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen*. Vide capítulo 14. Se não possui o hábito de tomar vinho durante a refeição e quiser beber, ao recitar o *Kidush* deverá ter em mente sua intenção (*cavaná*).

Os líquidos servidos na refeição

19. Todos os líquidos, exceto vinho, que são consumidos nas refeições que se fez "*Hamotsi*", não necessitam de *berachá* no meio da refeição.

Porém é recomendável antes de fazer *netilat yadáyim*, recitar *Shehacol* sobre água ou outro líquido (se tiver desejo de beber naquele momento, vide cap. IV parág. 7) e pensar em isentar os líquidos que for tomar na refeição. Nesse caso deve tomar o cuidado de beber menos que 27ml, para não entrar na dúvida de *berachá acharoná*. Vide capítulo 16.

As bênçãos posteriores

20. As *berachot acharonot* (posteriores) são:

- 1) "*Bircat Hamazon*".
- 2) "*Meen Shalosh*" (*Al Hamichyá, Al Haguêfen, Al Haets*).
- 3) "*Borê Nefashot*".

1) *Bircat Hamazon* é recitada após o consumo de no mínimo 27 gramas (em volume) de pão. E ela inclui todos os alimentos que foram consumidos na refeição, até mesmo a sobremesa e o vinho.

2) *Meen Shalosh* é feita após o consumo de no mínimo 27g (em volume) de massas como bolo, biscoitos e macarrão (*Al Hamichyá*), após o consumo de no mínimo 86ml de vinho (*Al Haguêfen*) e após o consumo no mínimo 27g (em volume) de uma das cinco frutas sobre as quais *Érets Yisrael* é louva-

da – como azeitona, tâmara, uva, figo ou romã, citadas no parágrafo, 14 item 4 (*Al Haets*).

3) *Borê Nefashot* é recitada depois do consumo de no mínimo 86ml de qualquer líquido menos vinho, do consumo de no mínimo 27g (em volume) de qualquer alimento cuja *berachá* seja *Haets* (exceto as 5 frutas), *Haadamá* ou *Shehacol*.

21. Ao recitar *Bircat Hamazon* e *Meen Shalosh* devemos estar sentados. *Bircat Hamazon* e *Berachá Meen Shalosh* (sobre massas) devem ser recitados no lugar onde o indivíduo tiver comido. É aconselhável recitar a *Berachá Meen Shalosh* sobre as cinco frutas e sobre o vinho também no lugar onde tiver comido. Vide nota bibliográfica número 2 e 2a (*marê ma-com*) no capítulo 17.

22. De preferência, convém estarmos sentados ao recitar todas as *berachot* ligadas com alimentação; porém não é obrigatório como no parágrafo anterior.

Regras gerais das bênçãos posteriores

23. Quando comer no mínimo 27g (em volume) de massas como bolo e biscoitos e beber no mínimo 86ml de vinho e comer no mínimo 27g (em volume) de uma das cinco frutas sobre as quais *Êrets Yisrael* é louvada deverá recitar uma *berachá* (*Meen Shalosh*) que engloba os três itens, na seguinte ordem: *Al Hamichyá Veal Hacalcalá*, *Al Haguêfen Veal Peri Haguêfen*, *Al Haets Veal Peri Haets*, e no término da *berachá* incluirá igualmente os 3 itens.

Caso tenha comido dois dos três itens, incluirá na *berachá* os dois itens que comeu.

24. Quando alguém comer 27g (em volume) de uma das cinco frutas sobre as quais *Êrets Yisrael* é louvada – azeitona, tâmara, uva, figo, romã – e também alguma outra fruta de árvore,

recitará somente a *berachá Meen Shalosh* (*Al Haets*).

Se alguém, por engano, recitar *Meen Shalosh* (*Al Haets*) após ingerir frutas de árvore que não façam parte das cinco frutas sobre as quais a Terra de Israel é louvada, essa *berachá* estará válida.

25. Se alguém comer 27g (em volume) de uma das cinco frutas citadas acima e também 27g (em volume) de algum fruto da terra, terá de recitar duas *berachot* posteriores: “*Meen Shalosh*” (*Al Haets*) e “*Borê Nefashot*”.

26. Se alguém comer 27g (em volume) de uma das cinco frutas citadas acima e também comer 27g (em volume) de algo que sua bênção anterior é *Shehacol*, terá de recitar duas bênçãos posteriores: *Meen Shalosh* (*Al Haets*) e *Borê Nefashot*.

27. Se alguém comer 27g (em volume) de alguma massa como bolo ou biscoito e também comer 27g (em volume) de alguma fruta que sua *berachá* *acharoná* é *Borê Nefashot*, terá de recitar duas bênçãos posteriores: *Meen Shalosh* (*Al Hamichyá*) e *Borê Nefashot*.

28. Se alguém comer 27g (em volume) de alguma massa como bolo ou biscoito e também beber 86ml de algum líquido ou comer 27g (em volume) de algum alimento que sua *berachá* *acharoná* é *Borê Nefashot* fará duas bênçãos posteriores: *Meen Shalosh* (*Al Hamichyá*) e *Borê Nefashot*.

29. Se alguém beber 86ml de vinho e também algum outro líquido, recitará apenas a *berachá* de *Meen Shalosh* (*Al Haguêfen*) e nela estarão incluídos os outros líquidos. Vide capítulo XIV, parágrafo 2.

30. Se alguém beber 86ml de vinho e também comer 27g (em volume) de uvas, deverá recitar a *berachá* *Borê Peri Haguêfen* antes de beber do vinho e a *berachá* de *Borê Peri Haets* antes de ingerir as uvas. Posteriormente recita-

rá a *berachá Meen Shalosh* e incluirá na mesma *berachá* os dois itens (*Al Haguêfen* e *Al Haets*).

31. Se alguém beber 86ml de vinho e também comer 27g (em volume) de algum fruto da árvore que sua *berachá* posterior é *Borê Nefashot*, fará duas bênçãos posteriores *Meen Shalosh* (*Al Haguêfen*) e *Borê Nefashot*.

32. Se alguém comer *cazáyit* de massa como bolo ou biscoito e também beber mais de 27ml de vinho, poderá na mesma *berachá* de *Al Hamichyá* incluir *Al Haguêfen*. O mesmo se aplica para quem comeu *cazáyit* de massa como bolo e biscoito e está em dúvida se comeu *cazáyit* de uma das cinco frutas sobre as quais *Êrets Yisrael* é louvada (mas comeu pelo menos 18g em volume) – poderá na bênção de *Al Hamichyá* incluir o *Al Haets*.

33. Quem ingeriu massas como bolo ou biscoito e também ingeriu tâmaras, ou massas como bolo ou biscoito e também vinho, e distraiu-se e esqueceu de incluir na *berachá* de *Meen Shalosh*, “*Al Haets Veal Peri Haets*” ou “*Al Haguêfen Veal Peri Haguêfen*”, e disse apenas “*Al Hamichyá Veal Hacalcalá*”, tanto no início da *berachá* como no fim:

a) Se antes de recitar a *berachá* de *Al Hamichyá Veal Hacalcalá* estava ciente e tinha a intenção de isentar as tâmaras, ou estava ciente e tinha a intenção de isentar o vinho, *bediavad* sua *berachá* estará valendo.

Esta regra não é válida para azeitona, uva, romã e figo. Neste caso se o indivíduo não incluir “*Al Haets Veal Peri Haets*” na *berachá*, deverá repeti-la.

b) Se ao recitar a *berachá* de *Al Hamichyá Veal Hacalcalá*, nem sequer lembrava de ter comido tâmaras ou de que bebera vinho, e perceber após concluir a *berachá*, deverá recitar novamente a *berachá* de *Meen Shalosh* desta vez com o texto correspondente à tâmara – que é *Al Haets Veal*

Peri Haets ou a *berachá* correspondente ao vinho que é *Al Haguêfen Veal Peri Haguêfen*.

34. Se o indivíduo se confundir e recitar *Al Hamichyá* em vez de *Al Haets Veal Peri Haets* sobre tâmaras ou *Al Hamichyá* em vez de *Al Haguêfen Veal Peri Haguêfen* sobre vinho, sua *berachá* estará valendo. Porém se comer azeitona, uva, figo ou romã e recitar *Al Hamichyá* em vez de recitar *Al Haets Veal Peri Haets*, a *berachá* não terá sido válida.

35. Quando alguém se confundir e recitar *Bircat Hamazon* sobre qualquer alimento cuja *berachá* anterior for *Mezonot* (e conseqüentemente sua *berachá* posterior é *Al Hamichyá*) como macarrão, bolo, etc., *bediavad* – após o fato – a *berachá* será válida.

36. Quando alguém se equivocar e recitar *Bircat Hamazon* sobre vinho ou tâmaras, *bediavad* – após o fato – a *berachá* será válida.

37. Se nos dois casos acima mencionados, o indivíduo inadvertidamente recitar o primeiro parágrafo do *Bircat Hamazon* com a primeira *berachá* – *bircat hazan* – e perceber que errou, esta *berachá* (*bircat hazan*) vale como *berachá* posterior e ele não precisa repetir a *berachá* correta. Todavia, se perceber que está recitando a *berachá* errada antes de mencionar “*Hashem*” de “*Baruch Atá Hashem Hazan et hacol*”, ele deverá continuar com “*al shehinchálta laavotênu êrets chemdá tová urchavá...e terminar o texto da Berachá Meen Shalosh*.”

38. Se em vez de recitar *Bircat Hamazon* após comer pão, o indivíduo se equivocar e disser *Al Hamichyá*, *bediavad* – após o fato – sua *berachá* estará valendo, não sendo necessário recitar o *Bircat Hamazon*, visto que recitou *Al Hamichyá*. Contudo, no caso de ter comido pão em *shiur* de *seviá* (quantidade suficiente para ficar satisfeito), convém que faça *Netilat Yadáyim* sem *berachá*,

recite *Hamotsi* e coma um *shiur* de *cahetsá* de pão, ou pelo menos de *cazáyit*, para poder recitar o *Bircat Hamazon* e então, ao recitá-lo, tenha em mente cumprir com a obrigação pelo pão ingerido anteriormente.

39. Os dias de *Shabat*, *Rosh Chodesh*, *Rosh Hashaná*, *Pessach*, *Sucot*, *Chol Hamoed*, *Shemini Atseret* e *Shavuot* devem ser mencionados na *berachá de Meen Shalosh*. Isto é denominado pelos nossos sábios de *Mazkirin Meen Hameorá*. *Chanucá* e *Purim* não são citados nessa bênção, embora sejam citados no *Bircat Hamazon*.

As leis ligadas a *Retsê Vehachalitsênu* – trecho que é recitado no *Bircat Hamazon* das três refeições de *Shabat* – e as leis ligadas aos acréscimos de *yom tov* constam do capítulo 22 deste livro.

40. Caso tenha esquecido de mencionar um destes dias na *berachá* de *Meen Shalosh*, cumpriu com a obrigação e não deve repetir a *berachá*.

41. Se o indivíduo que esquecer de mencionar “*Meen Hameorá*” está acostumado a dizer “*Ki Atá tov umetiv lacol venodê Lechá al haárets veal hamichyá*” (sem citar *Hashem Elokênu* no “*Ki Atá Tov Umetiv lacol venodê Lechá Hashem Elokênu*”, e lembrar que não mencionou “*Meen Hameorá*” antes de dizer o Nome de *Hashem* no término da *berachá*, voltará até antes de “*bicdushá uvtahorá*” e recitará “*Meen Hameorá*”. Porém se está acostumado a dizer *Hashem Elokênu* no “*Ki Atá Tov Umetiv lacol venodê Lechá Hashem Elokênu*” não voltará.

42. Quando alguém vomitar antes de recitar a *berachá acharoná*, após ter comido ou bebido um *shiur* (quantidade) sobre o qual é necessário recitar *berachá acharoná*, não deverá recitá-la.

43. Quando alguém comer pão, deve ter o cuidado de que não se passem mais de 72 minutos do fim da re-

feição até o *Bircat Hamazon*, pois do contrário, não poderá recitar mais o *Bircat Hamazon*.

Porém se comer uma grande quantidade e esta o mantiver satisfeito por um tempo prolongado após o término da refeição e já se passaram mais de 72 minutos do término da refeição e ainda não recitou o *Bircat Hamazon*, é correto consumir mais um *cazáyit* de pão para recitar o *Bircat Hamazon* e não entrar em *safec* (dúvida) ou então, que ouça o *Bircat Hamazon* de outra pessoa.

O mesmo se aplica para quem comeu uma quantidade pequena de pão e demorou para recitar o *Bircat Hamazon* e não sabe avaliar se a comida já foi digerida. Mesmo que não se tenham passado 72 minutos, é recomendável que coma mais um *cazáyit* de pão e recite o *Bircat Hamazon*. Se ainda pretendia continuar comendo e não teve *hessêach hadáat* (não desviou sua atenção, não interrompeu), não será necessário recitar novamente a *berachá* de *Hamotsi*.

44. Quando se tratar de *berachá acharoná* sobre massas, como bolo, biscoito e macarrão e de frutas ou líquidos que normalmente se consome pequena quantidade, deverá ter o cuidado de fazer a *berachá acharoná* imediatamente após o término do seu consumo. Caso contrário, deve-se tomar o cuidado de não deixar passar 30 minutos do término do seu consumo.

Se perceber que ainda não se passaram os 30 minutos, mas já está com vontade de comer de novo frutas ou está com sede novamente, não deverá recitar mais a *berachá acharoná* sobre o que foi consumido.

Neste caso, deve procurar ouvir a *berachá acharoná* de outra pessoa ou comer novamente um *cazáyit*, ou beber 86ml de líquidos e fazer o *borê nefashot*, isentando assim as duas vezes. ■

Investigando



Abacate: Compre os abacates maiores, sem manchas ou amassados.

Abóbora: A abóbora está madura quando o talo estiver amarelo ou seco.

Alcachofra: O talo flexível indica que a alcachofra está fresca e boa para o consumo, ao contrário do talo quebradiço ou muito duro.

Berinjela: Compre as berinjelas firmes, que apresentem cor viva brilhante e uniforme.

Beterraba: As beterrabas de tamanho reduzido, lisas e sem manchas são mais apetitosas.

Mandioca: Parta um pedacinho de mandioca antes de comprar. Caso saia um líquido leitoso, significa que ela está fresquinha. Caso contrário ficará dura, seca e ruim. Verifique também se não há veios azuis ao parti-la. Se houver, significa que está encruada (não amadurecida) e que não cozinhará de forma satisfatória.

Massa, empadão, torta: Terminando o tempo da cozedura indicado nas receitas, verifique se a massa está cozida espetando um palito. Se ele sair seco a massa está cozida, se sair úmido, a massa precisa cozer mais algum tempo.

Melão: Se o caule do melão estiver preso ou se o fruto estiver danificado junto ao caule, significa que ele foi colhido cedo demais. Se o melão estiver maduro, a cicatriz do caule estará lisa.

Milho verde: Ao comprar milho verde, escolha as espigas com grãos claros, são as mais novas e macias.

Óleo I: Para saber quando o óleo está no ponto para fritar, ponha um fósforo no mesmo. Quando ele acender, está no ponto.

Óleo II: Outro modo para verificar se a temperatura do óleo já está no grau desejado é colocar um qua-

dradinho de pão na frigideira. Quando o pão ficar corado e crocante, é sinal de que o óleo está no ponto ideal para a fritura.

Ovo I: Para verificar se um ovo é fresco ou não, sem ter que quebrá-lo, mergulhe-o na seguinte solução: três colheres de sal para um litro de água. Os que estiverem novos irão para o fundo. Os que já tiverem alguns dias ficarão boiando, e os velhos virão à tona. Estes últimos já estão passados, jogue-os fora.

Ovo II: A casca dos ovos frescos é opaca e áspera. A dos ovos velhos é brilhante e lisa.

Peixe: Para reconhecer o peixe fresco, mergulhe-o numa tigela com água fresca. Se ele flutuar, é sinal que está estragado.

Repolho: Os repolhos de tamanho reduzido e de cor clara são mais tenros.



A Última Dança

A história a seguir relata sobre sessenta anos da história dos judeus de Anad, na Hungria.

Contada do ponto de vista de Miklos Gurkocz, um não judeu, provavelmente apresenta a realidade de forma mais fiel do que se fosse contada por um dos judeus do local.

Controvérsias entre os frequentadores da grande e luxuosa sinagoga de Anad fizeram com que os jovens resolvessem dissidir e formar um minyan separado só deles. Enquanto os frequentadores brigavam entre si, não enxergavam o que via Miklos Gurkocz, o fiel “goy de Shabat”.

A história chega ao ápice numa cena empolgante e inesquecível, enquanto Miklos passa a acender luzes e luzes em honra do D’us dos judeus.

É um dia invernal. As ruas da pequena Anad, na Hungria, estão cheias de poças. Nas ruas desertas não há pessoas ou qualquer outro ser vivo.

Na verdade, pode-se dizer que, mesmo num dia agradável de verão, você não veria movimento muito intenso nas ruas de Anad. Naquela aldeia quase não há objetivos reais pelos quais sair. Exceção à regra é a loja de secos e molhados de Miklos Gurkocz, para a qual os habitantes costumam dar um pulo para se prover dos produtos essenciais.

Para tirar qualquer dúvida, é bom frisar que os “produtos essenciais” compreendem pouco mais de pão e sal. Além disso, a “loja” nada mais é do que uma carroça abandonada e miserável, cujas rodas se transformaram em quadradas com o passar dos anos, afundaram na lama e plantaram-se lá como uma velha árvore.

Miklos, com seu corpo pesado, jaz em sua cadeira de ferro ao lado da carroça já há mais de cinquenta anos. Apesar de que os sinais do tempo atacaram-no, curvando sua estatura, fizeram furos na sua carroça e também levaram o braço direito da sua cadeira de ferro, Miklos e sua tina miserável ainda se mantêm “firmes”.

Na verdade, ninguém entende o que faz o velho e doente Miklos conti-

nuar vendendo seus filões de pão embolorado, quando a maioria dos habitantes da aldeia costuma fazer suas compras em Miskolec, a cidade próxima. Na prática, Miklos serve apenas em situações de emergência. Quando um habitante de Anad fica, inesperadamente, sem pão, eventualmente dá um pulo até a carroça e compra o pão que está faltando.

A mais perceptível característica de Miklos é o seu estranho costume de ir de vez em quando a um prédio abandonado localizado atrás da sua carroça. Aquele prédio, contam os veteranos da aldeia, já servira outrora como sinagoga dos judeus. Isto é, na época que havia judeus em Anad. Porém, há dezenas de anos não há judeus em Anad, e o prédio está abandonado desde então.

Na verdade, desde que os judeus foram levados para Auschwitz, os chefes da igreja alçam seus olhos para a área da sinagoga com o objetivo de construir uma nova igreja, porém quem atrapalhava os seus planos não o próprio Miklos?

Quanto dinheiro lhe foi oferecido em troca de sua tina suja, perto da qual ele se arrasta?... Quantas promessas ele recebeu do próprio padre, sobre as boas condições que ele receberia no mundo vindouro, após sua morte, caso fosse compreensivo?... Po-

rém, Miklos o decepcionou duplamente. Ele não estava pronto a negociar boas condições em outros mundos; e pior, ele tampouco morria.

Se os habitantes da aldeia o seguissem quando entrava no temido edifício, eles o veriam varrendo o soalho rachado da sinagoga, cobrindo as mesas carcomidas e vazias com pedaços de panos brancos, limpando as várias teias de aranha que povoavam o velho edifício...

A sorte de Miklos é que ninguém se interessava por sua personalidade e, menos ainda, por seus atos. Se assim fosse, alguém ainda acabaria ligando as coisas e descobrindo que Miklos foi, desde os oito anos de idade, o “goy de Shabat” dos judeus que moravam na cidadezinha. Era ele quem costumava limpar a sinagoga em troca de um salário, e esse costume ele continua até hoje. Uma notícia dessas poderia levantar alguma “objeção” contra a personalidade de Miklos. E os jovens entediados de Anad têm costumes estranhos quanto ao tratamento de pessoas que despertam sua objeção.

Porém, ninguém em Anad desperdiçaria metade de uma moeda usada por uma velha ruína como Miklos, o veterano da aldeia. Sua idade, se alguém se desse ao trabalho de contar, estaria por volta dos oitenta e oito anos.

HM
Hecho por Mi
Costura - Crochê

Kissuim Imperdíveis!

Garanta já os seus!

Telefone: 94168-5077

GRUPO
line OUTSOURCING DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica. Colocamos impressoras em comodato a custo zero.

Gerenciamos todo o seu parque de impressoras. Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação as necessidades de sua empresa.

Retiramos e entregamos sem nenhum custo.

Telavendas: 3331-3831
www.gpline.com.br

Nesse dia invernal e cheio de poças, chega à cidadezinha um homem de aparência muito estranha, vestido com belas roupas, gravata e chapéu. Uma barba emoldura seu rosto. Um observador atento diria logo que é um judeu. Não é surpreendente que o homem se sobressai na paisagem da aldeia. A última vez que um judeu foi visto em Anad foi há dezenas de anos, mas eram habitantes que estavam indo embora, e não vindo.

O homem parece confuso, enquanto pula entre as poças. Entre um pulo e outro, lança olhares para os edifícios da cidadezinha, principalmente para os maiores. Finalmente, quando seu olhar bate na “maguen David” gravada no edifício da sinagoga, ele dirige-se para lá.

Ele não nota Miklos por ali. Porém, quando se aproxima do edifício, Miklos se levanta, pula apesar de todo o seu peso e barra a entrada do estranho para dentro das dependências da sinagoga.

– O que você de... deseja? – gagueja Miklos numa linguagem confusa, que a seu ver é considerada a língua inglesa.

Para sua surpresa, o estranho lhe responde num húngaro fluente:

– Vim ver a sinagoga.

Se você deseja conquistar o coração de um húngaro, basta falar meia palavra com sotaque húngaro. E o estranho cantou uma frase inteira. Assim, surge um enorme sorriso na boca desdentada de Miklos.

– *Kérem, parancsolni, bemeni a templomba* (por favor, e com toda a honra, entre na sinagoga) – declama Miklos. Foi a frase mais comprida proclamada por ele nos últimos anos.

– *Köszönöm* (obrigado) – responde o turista e apressa-se para entrar na sinagoga.

Eles entram. O homem estranho



dirige seu olhar antes de tudo sobre a arca sagrada. Depois, sobre as paredes cujos desenhos se apagaram. Olha para a *bimá* e para as tiras da *parôchet* que a cobrem. Miklos observa o rosto do estranho e vê uma expressão de espanto em sua face.

– *Nem vártom jien dolgokra* (não esperava ver tamanha coisa) – diz o homem.

– Passaram-se décadas desde que judeus rezaram aqui – desculpa-se Miklos – e não obtive licença para pintar. Mesmo se obtivesse, não teria dinheiro para financiá-la.

O rosto do estranho mostra que Miklos não entendeu o que ele quis dizer.

– *Forditva* (pelo contrário) – ele diz. – Esse lugar está muito mais bem cuidado, comparando-se com as outras sinagogas que visitei em minhas viagens. Quem é a pessoa que se esforça tanto para cuidar da honra da sinagoga?

– *Köszönöm, nincz miért* (obrigado, não há de que) – diz Miklos secamente, admitindo a culpa.

– O que o levou a cuidar desta sinagoga? – pergunta o estranho para Miklos.

Então, o ancião faz um sinal para o visitante segui-lo. Eles saem para o vestíbulo da sinagoga e lá, Miklos conta a história da sinagoga e a razão que o amarrou a cuidar dela.

“Foi há oitenta anos atrás”, começou Miklos. “Eu era um garoto de 8 anos, quando meu pai me mandou servir como “goy de Shabat” na nova sinagoga que os judeus tinham construído.

“A sinagoga causou grande inveja entre nós, porque a igreja em frente”, disse Miklos apontando com o dedo, “era assim como é hoje; quer dizer, uma velha e antiga ruína.”

“Meu pai foi alvo de maldições, por ter concordado em mandar seu filho para trabalhar naquela sinagoga, cuja beleza “profanava a santidade da igreja”. A verdade é que meu pai também nutria ódio pelos judeus por causa disso. Mas de ódio não dá para comprar pão. E os judeus me remuneravam em troca dos pequenos serviços que eu realizava para eles.

“A sinagoga era administrada pelo judeu Shepsl Friedman. Foi ele que me aceitou para o trabalho e quem pagava o meu salário. Era um homem muito

honrado. Os judeus o chamavam de ‘chefe da congregação’. Ele administrava os assuntos da sinagoga com coragem. Tinha uma dedicação sem limites. Praticamente dedicou toda a sua fortuna em prol da sinagoga. Nunca reparei que alguém o valorizasse por isso. Realmente, todos o honravam, mas faziam isso porque tinham medo das palavras dele e não por valorizarem-no de fato.

“Shepsl costumava gritar com aqueles que conversavam na sinagoga com seus amigos, em vez de falar com D’us. Eu, como um menino, já não entendia como aqueles judeus tinham tamanha ousadia para com seu D’us e profanavam Sua casa.

“Vinte anos se passaram. Com 28 anos eu era empregado da sinagoga durante toda a semana. Shepsl confiava em mim de olhos fechados. Eu o temia, pois ele era um homem muito firme, mas também o valorizava.

“A sinagoga crescera e já contava com 100 frequentadores. Vinte deles eram idosos, com filhos casados. Uns cinquenta eram jovens com 30 ou 40 anos. O resto eram jovens e crianças, entre eles os filhos de Shepsl.

“Foram dias maravilhosos para os judeus da aldeia. A sinagoga era o local que unia a todos. Havia estudos diários, festas em comum, banquetes celebrando o término dos livros de estudo deles. Havia um ambiente familiar no local. Todos ficavam alegres ao vir à sinagoga e ao sair dela.

“Porém, com o passar dos anos, o temor respeitoso dos frequentadores por Shepsl transformou-se em ressentimento e rancor. Não lembro exatamente quando isso começou. Acho que foram alguns jovens que começaram a fazer objeções em voz alta contra o Shepsl. Eles aproveitaram o fato de que muitos dos frequentadores

tinham raiva do Shepsl pelo seu costume de impedir conversas na sinagoga. Várias vezes também presenciei brigas barulhentas em relação aos convidados para ler na *Torá*. Havia aqueles que pediam para ser os primeiros a serem chamados. Havia aqueles que queriam subir em terceiro lugar, em sexto, em sétimo ou por último. Estes detalhes complicados eu não entendo até hoje. Mas a forma de convidar os frequentadores, fixada pelo Shepsl, não era aceita por muitos dos presentes. Apesar disso, por algum motivo, Shepsl não se incomodava com os descontentes.

“O seu adversário mais picante era o jovem Sandor Rozenfeld. Esse Sandor era um homem honrado, não incluso na lista daqueles que atrapalhavam o curso da reza. Porém, ele possuía uma crítica mordaz sobre a forma de administração da sinagoga. Certo dia, escutei uma conversa na qual Sandor dizia: ‘Nós vamos abrir uma sinagoga para os jovens’. Mais do que isso não ouvi, porém já bastou para eu ir contar para o Shepsl, a quem eu era fiel com todo o meu coração.

“Shepsl ouviu minhas palavras. Se ficou chocado, não o demonstrou. Ele me disse: ‘Não tenho nada a ver com isso. Quem não quer rezar aqui, que vá para onde quiser!’”

“Eles se foram. Não esquecerei este dia. Metade dos frequentadores da sinagoga se afastaram, principalmente os mais jovens. Eles construíram um pequeno e miserável quartinho, talharam na parede a arca sagrada e começaram a se reunir lá a cada *Shabat* para rezar.

“Se eles soubessem o quanto se alegraram meus amigos *goyim!*... Foi um dia de festa para eles, pelos fatos de os jovens judeus terem desprezado a bela sinagoga.

“A grande maioria dos frequentadores que permaneceu era de idosos. Eles não conseguiram manter o ambiente familiar que dominara o lugar até aquele dia.

“Shepsl se fez de alegre pelo fato dos jovens terem ido embora. Com autoconfiança ele me disse: ‘Miklos, não se preocupe. Tenho frequentadores de sobra. Quanto aos jovens, eles voltarão. No final eles sempre voltam.’

“Mas ele não calculou que a natureza dos velhos é deixar este mundo, enquanto a dos jovens é de serem atraídos para aqueles que são iguais a eles. Foi isso que ocorreu nos anos seguintes. Enquanto a sinagoga dos ‘dissidentes’ estava cheia de pessoas, todos jovens, a situação na velha sinagoga era exatamente o contrário.

“Como as sinagogas eram próximas uma da outra, eu observava que vários jovens que rezavam no passado ‘conosco’ – veja, eu até me expressei como se a sinagoga também fosse minha – já haviam se casado e se transformado em pais. Eles também levavam seus filhos para a outra sinagoga. O pátio, cheio de poças, daquela sinagoga estava repleto de criancinhas pulando, ao passo que no pátio pavimentado da velha e linda sinagoga reinava um silêncio constrangedor. Uma dúzia de velhos murmurava as rezas de *Shabat* e de *yom tov*, e mais nada.

“E eu, um *goy*, não sentia mais vontade de fazer parte do judaísmo. Apesar de eu esconder aquela vontade, certa vez não segurei a língua e contei meu desejo para o Shepsl. Ele ameaçou me mandar embora, chamou-me de bobo e outras coisas. Nesses dias tristes, quando os velhos judeus estavam sentados em sua sinagoga, solitários, pensei que não condizia com os judeus se desligar dos seus pais e deixarem-nos sozinhos.

“Shepsl não dizia nada. Ele ainda era um homem grande e forte. Ele não confessaria, mesmo a meia voz, que o número e a idade dos frequentadores o estivesse incomodando. No entanto, uma vez por ano eu percebia claramente a tristeza e a melancolia nos olhos de Shepsl – naquela festa chamada de ‘*Simchat Torá*’. Sob qualquer perspectiva, notava-se uma diferença gritante entre os dias alegres, com suas danças tempestuosas, e o grupo de velhos que zunia músicas melancólicas. Com dificuldade eles davam sete voltas ao redor da larga *bimá* – se eu pudesse, trocaria aquela por uma *bimá* menor, para encurtar o caminho dos idosos sofridos.

“Naqueles dias eu percebia dentro do coração de Shepsl rios de tristeza. Quando eu tentava começar uma conversa sobre o assunto, ele me interrompia, dizendo: ‘Não se preocupe. Eles voltarão. No final eles sempre voltam.’

“Todo ano, alguns dias depois de *Simchat Torá*, Shepsl caía de cama. Eu o ajudava e chamava os médicos, mas sabia que não era doença do corpo, mas tristeza da alma. Depois que os médicos se iam e me parecia que ele já tinha descansado o bastante, eu lhe dizia: ‘Levante, senhor Shepsl! Sem você a sinagoga ficará vazia e meus amigos *goyim* ficarão felizes’.

“Shepsl me olhava com espanto, dava de ombros e juntava forças a cada ano para se levantar e continuar administrando a sinagoga. Junto com ele sempre estava o *gabay* Chayim Eliêzer, que já não possuía mais cabelos ruivos.

“Assim se passaram mais 30 anos. Quando eu tinha 58 anos, Shepsl se encontrava lá pelos seus oitenta. Foi então que faleceu *Reb* Tuvia Halfstein e, na velha sinagoga, sobraram os

últimos nove judeus. Alguns deles eram doentes e faltavam às vezes. Uma imensa tristeza tomou conta de Shepsl. Para ele, não se tratava somente da morte de um amigo, mas quase a morte da sinagoga.

“A sinagoga que Sandor fundara passou por reformas e fora ampliada algumas vezes. Certo dia, os frequentadores mais jovens desta sinagoga também decidiram fundar uma terceira sinagoga no armazém reformado do camponês Lajos Odczabon. Os jovens sustentavam que Sandor não lhes dava poder na sinagoga, que não concordava em dar-lhes nem mesmo o cargo de vice-segundo-*shamash*. De acordo com os jovens do *minyan* de Sandor, eles eram adultos o suficiente para organizar seus assuntos da melhor forma possível, e o armazém reformado, muito mais bonito do que a sinagoga de Sandor, era a prova triunfal disso.

“O assunto tornou-se a conversa do dia em Anad. Principalmente pelo fato de que o neto de Sandor, Reuven, que acabara de se casar, estava entre os dissidentes.

“Essa tempestade também se acalmou e os anos continuaram a passar. Enquanto isso, os dentes do tempo mordiam com crueldade os frequentadores das duas velhas sinagogas.

“Chegou uma época em que vários judeus decidiram emigrar para a terra de Israel em navios clandestinos. A maior prejudicada com isso foi a sinagoga do Sandor. Metade dos seus frequentadores, entre eles *Reb* Moishe, filho do *Reb* Chayim Eliêzer, e seus cinco filhos embarcaram para *Êrets Yisrael* no Sakria. Chayim Eliêzer, velho demais para aguentar tamanha aventura, ficou em Anad com sua filha Tsila, que o apoiava em seu leito de doença. Ele não conseguia mais ir para a sinagoga. Mesmo que tivesse forças para ir, não completaria ne-

nhum *minyan*, pois só havia mais um ou dois frequentadores.

“Quando eu olhava nos olhos do Sandor, já não via mais o jovem cheio de força e vida que eu conheci. Via nele traços similares aos do meu velho patrão Shepsl. E eu me perguntava o que aqueles judeus estavam fazendo para si mesmos...

“Os anos se passaram. Cartas começaram a chegar de Israel. Elas passavam de mão em mão em toda a aldeia. *Reb* Moishe, o filho do *gabay* Chayim Eliêzer, contava seus sofrimentos e o fato de ter chegado em *Yerushaláyim*. Ele dizia estar morando num bairro chamado de ‘*Batê Ungarin*’, e isso causou um murmúrio de emoção entre os habitantes da aldeia – havia um local chamado ‘casas de húngaros’ em Israel!

“Certo inverno, alguns velhos da cidadezinha se foram. Três da sinagoga do Sandor e um da sinagoga do Shepsl – o velho *gabay* *Reb* Chayim Eliêzer. O enterro de Chayim Eliêzer atraiu todos os judeus da aldeia. E quem marchava na frente do cortejo senão o último homem da velha sinagoga, o próprio Shepsl Friedman?...

“Todos choraram naquele enterro, pois lembraram um pouco do seu passado e do seu futuro. Eu mesmo, que sempre observava de lado, sequei uma lágrima, pois lembrei-me que era meu aniversário de 68 anos.

“Aquele foi o inverno mais triste da minha vida. Durante horas do dia eu ficava sentado na sinagoga deserta e abandonada. Limpava seu assoalho limpo... e fazia de tudo para não olhar em direção ao Shepsl, que ficava sentado num canto, olhando vidrado para um livro qualquer. Eu não olhava, porque aquela visão me quebrava o coração. Uma vez por dia ele virava sua cabeça para trás e perguntava: ‘Miklos, por que você está chorando?’, e sem



ouvir minha resposta, virava sua cabeça e a escondia na mesa.

“Foram dias duros e tristes. Eu olhava para Shepsl, o homem que me sustentou a vida toda, e me perguntava: Como esse homem tão grande parece de repente tão pequeno nesta gigante sinagoga que ele construiu com as próprias mãos? Será que isso não é prova da nulidade do homem?”

“O inverno passou, as poças de água secaram. Junto com o verão chegaram notícias nada agradáveis. Ventos de guerra estavam soprando da Alemanha. Um novo líder subira ao poder e iniciara uma cruel jornada de conquistas.

“Os rumores foram confirmados. Hitler, *yimach shemô*, conquistava um território atrás do outro. Alguns diziam que ele logo chegaria à Hungria. Ninguém acreditava. Ninguém queria acreditar.

“Hitler conquistou a Hungria, e os judeus não tinham para onde fugir.

“Chegaram os dias em que os judeus tocam *shofar*. Desta vez parecia haver um significado especial para o chifre de carneiro que se destinava, conforme me explicaram, a fazer tre-

mer os corações. Ele realmente os fez tremer. Eu assistia aos judeus temerosos rezando com mais força.

“Shepsl já era um homem velho e doente. Não podia mais sair de casa. Assim, a grande sinagoga ficava trancada por falta de frequentadores. O que Sandor fez para os judeus? O que fizeram os outros jovens dissidentes?”

“Chegou a festa chamada de *Sucot*. Construí uma pequena *sucá* para o Shepsl em seu quintal. Quando chegou *Simchat Torá*, ofereci ao Shepsl levá-lo para um local de danças, para alegrar seu coração. Nos anos anteriores eu não ousei sugerir-lo, mas estes eram outros tempos. Ventos de guerra sopravam e Shepsl não estava mais forte para se opor. Ficou quieto. Levei-o mancando à sinagoga dos jovens.

“A rua estava cinzenta e triste, assim como o velho judeu e o *goy* que o apoiava. Quando nos aproximamos da sinagoga, percebemos um vulto espiando sorratamente pela janela da sinagoga. Era Sandor.

“Tentei desviar Shepsl para outra direção, porém os olhos de ambos se encontraram. Então continuamos a

nos aproximar. Antes de conseguirmos falar qualquer coisa, Sandor tirou seu chapéu num gesto respeitoso.

“Shepsl fez como ele.

“Eu não sabia o que fazer com as lágrimas que apertavam minha garganta. A história da vida dos dois se confundia com a minha própria vida. Olhei para os dois rivais que se machucaram mutuamente durante tantos anos e não sabia o que fazer com meus sentimentos.

“Eles olharam para dentro da sinagoga em silêncio. Não havia danças. Os homens andavam de um lado para o outro, conversando sobre os perigos que pairavam sobre suas cabeças. Eu sabia que aqueles homens estavam sendo perseguidos. E eu, que podia sentir alívio, não o sentia. Meu destino estava ligado ao deles. Sua preocupação era minha preocupação.

“De repente eles começaram a conversar. Shepsl e Sandor. Como se nunca tivessem sido rivais. Estavam velhos e cansados demais para sentir ódio. Suspiravam por suas sinagogas desertas, por suas próprias vidas.

“Um dos jovens frequentadores olhou para fora e reconheceu os dois. Ouviu-se um grito emocionado e quase todos os homens saíram da sinagoga para ajudar Sandor e Shepsl a entrar. Eles foram colocados em lugares de honra, lado a lado.

“Mas ninguém dançava. Havia rumores sobre soldados da S.S. que podiam chegar à região a qualquer momento. Os judeus, apavorados, temiam seu destino.

“Um vento forte entrou repentinamente, apagando todas as velas. Uma mistura de vozes se ouviu na escuridão. Alguns diziam para trazer fogo de uma das casas. Outros advertiam que o fogo se apagaria no caminho. Então, alguém gritou: ‘O *goy* do Shepsl está aqui! Digam a ele que está escuro!’



“Uma mão me segurou. ‘Miklos, está escuro aqui, você está percebendo?’

“– É verdade, está escuro – eu respondi.

“– *Nu!*

“– *Nu, mach hamoitsi* – eu cantorei – *Nu* o quê?

“– Um momento! Você não entende que está escuro? – disseram com raiva.

“– Eu entendo muito bem! Mas vocês também têm que entender que eu sou o ‘*goy de Shabat*’ somente na grande sinagoga, e não ajudarei aos judeus que a abandonaram.

“Mesmo a escuridão não pôde ocultar os rostos vermelhos dos jovens.

“Silêncio. Todos olharam para mim. Alguns ainda tentaram me convencer. Finalmente, eles perceberam que não conseguiriam me fazer mudar de idéia.

“– Não há outra solução – disse um jovem – vamos para a velha sinagoga. O que há de mal nisso?

“Juntei todas as velas que apagaram e ajudei Shepsl a ir pelo curto caminho até a sinagoga que ele mesmo construía. Por sua respiração, percebi que estava emocionado. Senti um enorme orgulho por minha teimosia. Levei-o confiante e logo ele estava no

centro da *bimá*, como nos bons tempos...

“Shepsl ganhou forças que não teve durante anos, e passou a anunciar como um veterano: ‘Yehudá Meir *Hacohen* tem a honra de receber a *hacafá*; Yossef Shmerl *Halevi* tem a honra de receber a *hacafá*...’

“Como se todo o sofrimento tivesse sido esquecido, dezenas de judeus começaram a dançar. Corri para buscar todas as velas armazenadas no sótão. Meu coração me dizia que seria a última vez que as usaria. Acendi uma após outra, euforicamente, centenas delas. Em pouco tempo a sinagoga se encheu de uma luz maravilhosa, como nunca havia acontecido. Comparava-se à luz do dia. Uma visão que não esquecerei por toda a vida. Judeus dançando, Shepsl e Sandor abraçados, mexendo-se em seus lugares numa cena de quebrar o coração! À sua volta, judeus que esqueceram de seus sofrimentos e de seus temores, dançavam em honra de sua *Torá*.

“Continuei a acender. Com isso, senti a maior aproximação e amor ao povo judeu de toda a minha vida. Toda minha dor desapareceu ao ver judeus velhos, jovens e crianças dançando juntos em frente à luz, como se estivessem se mesclando ao fogo...”

Miklos interrompe sua narração

por um instante. Lágrimas ferveram dos seus olhos. Ele está todo suado e emocionado. Seu interlocutor também soluça sem vergonha, como se eles se conhecessem desde sempre.

“Aproximei-me do Shepsl, que estava dançando, e aconselhei-o a descansar um pouco. Ele se negou. Curvou-se sobre o meu ouvido e sussurrou: ‘Viu, Miklos? Eu bem que te disse. Eles voltaram. No final eles sempre voltam!’”

Mais uma interrupção. Miklos troca suas lágrimas de alegria e emoção por lágrimas de profunda tristeza e continua a contar entre soluços:

“Uma semana depois chegaram os homens da S.S. e enviaram todos os judeus em caminhões para os crematórios de Auschwitz. Vi Shepsl Friedman caminhar mancando com a ajuda de dois judeus em direção ao caminhão. Meu coração se rasgou ao ver meu benfeitor se despedir da minha vida para sempre. Aproximei-me dele, ignorando os olhares de todos os demais. Sem palavras, caímos um nos braços do outro. Não queria me separar dele. De repente, eu o ouvi dizer: ‘Talvez você realmente merecesse ser judeu.’

“Foi o maior elogio que já recebi. Mas chegou muito tarde, numa hora muito triste. A mais triste da minha vida.

“Soldados alemães nos separaram com rudeza. Supliquei que me levassem junto. Em troca, chutaram-me com crueldade. Com o canto dos olhos vi a caravana de caminhões que os levou para a morte.

“Desde então, eu cuido desta sinagoga, e sinto que ela cuida de mim. Eu sento aqui e vendo pão, porém meu coração está na sinagoga, naquela última dança que baila dentro de mim a vida toda.”

Miklos pára sua história por um momento, aspira bastante ar para dentro dos pulmões e continua.

“Finalmente a guerra terminou. O governo comunista apoderou-se da Hungria. Porém, nada voltou a ser como era antes. Os judeus foram embora da aldeia e ninguém falava mais sobre eles. Eu continuei a limpar e preservar a sinagoga, com uma esperança mínima de que os judeus um dia voltassem.

“Oito anos depois do final da guerra, começaram a chegar para mim pequenas quantias de dinheiro na agência de correios da aldeia. Procurei saber de onde vinha o dinheiro e descobri que a remetente era uma mulher chamada Tsila Hardos, que morava em Budapeste. Lá ela administrava uma enorme empresa de lâmpadas. Viajei até ela e descobri uma judia solitária. Era a filha do *gabay* Chayim Eliezer, que permanecera com ele no seu leito de doença e nunca se casou. Ela me contou que o governo comunista lhe permitia visitar Israel de vez em quando. Ela visitava seu irmão Moishe, no bairro *Batê Ungarin*, e seus sobrinhos que moravam em várias partes de Israel. Ela me contou que o dinheiro vinha do seu irmão, em nome da ‘Comissão dos Imigrantes de Anad’, um grupo de pessoas com posses que se preocupava com o destino da sinagoga. Ela insistiu para que eu cuidasse da sinagoga e eu acalmei-a dizendo que era isso o que eu pretendia fazer.

“As quantias me sustentaram economicamente nos dias mais duros do governo comunista. Há alguns anos, parou de chegar este apoio. Descobri que Tsila Hardosh faleceu solitária em Budapeste. Antes de sua morte, deixara dinheiro com seus vizinhos para que a enterrassem no cemitério judaico e colocassem uma *matsevá* em seu túmulo. Então fui visitar aquele cemitério e realmente encontrei sua lápide.

“Continuei preservando a sinagoga. Nunca esperei nada em troca

e agora, que não tinha como ganhar, não reclamei. Essa sinagoga é o único ponto de luz em minha vida; eu que sempre quis ser judeu e não consegui.”

Um curto silêncio estabeleceu-se entre o Miklos e o visitante judeu. Suas lágrimas já tinham secado e a noite começara a cair.

Então o visitante disse:

“Na realidade, vim até aqui para lhe dar uma quantia de dinheiro suficiente para preservar a sinagoga por muitos anos. Vim para dar, mas recebi tantas coisas, cujo valor você nem imagina!”

O visitante entrega um pacote de notas a Miklos. Imediatamente ele toma a resolução de reformar a sinagoga, e já se desperta em seu coração um espírito jovem que ele não sentia há muito.

– E quem é você? – Ele pergunta finalmente ao jovem.

– Você não contou sobre o filho do *gabay* ruivo Chayim Eliezer, Moishe, que foi para Israel e estabeleceu-se em *Batê Ungarin*? – disse o visitante. – Pois o nome de um dos seus filhos é Shlomo.

– Sim, eu me lembro – diz Miklos. – Acho que ele mora em Cheyfá. Tsila contou ter visitado a sua família. Ela me disse que um dos seus filhos tem o nome do *Reb* Chayim Eliezer que viveu aqui.

– “Tsili Néni”, assim chamávamos sua amiga Tsila – diz o visitante; e acrescenta: – Eu sou o tal filho do Shlomo, neto do Moishe e bisneto de seu amigo ruivo, o *gabay Reb* Chayim Eliêzer. Tsila era minha tia-avó. Estou muito emocionado em ouvir da fonte original a história do meu bisavô, cujo nome eu recebi. Eu posso completar a segunda parte da sua história. Essa parte é alegre. Se alguém achava que conseguiria exterminar os judeus de Anad, errou feio. Os emigrantes de

Anad deram origem a uma geração maravilhosa!

– Saiba que desta emocionante viagem às minhas raízes, estou voltando com uma resolução importante – disse o jovem Chayim Eliêzer. – Divulgarei sua mensagem para os meus irmãos. Vou pedir a eles que não abandonem as sinagogas onde rezaram em sua infância, que não deixem seus pais magoados. Sua triste descrição sobre o declínio do velho *Reb* Shepsl, do meu bisavô Chayim Eliezer e de sua solidão, infelizmente voltam a acontecer nos nossos dias em *Êrets Yisrael*. Sinagogas lindas são abandonadas junto com os queridos judeus, que deram suas vidas para sua construção, em troca de ruínas e quartos apertados. Quem acreditaria que justamente você alertaria quanto a este absurdo...”

A noite cai sobre os dois. Miklos oferece ao jovem sua própria casa para passarem a noite. O visitante concorda. Na casa de seu novo amigo, durante longas horas o jovem escreve as palavras que vocês estão lendo agora. Miklos fica ao seu lado, prestando atenção às leves batidas rítmicas da caneta esferográfica. Observa as palavras que correm rapidamente, até que se cansa e retira-se para o seu quarto.

Quando Miklos, o homem fiel, sobe ao seu leito naquela noite, ele olha pela janela para o edifício da sinagoga, que é mais alto do que todas as casas da aldeia. Focaliza seu olhar no antigo símbolo da “*maguen David*”, onde já cresce o visgo, e murmura, talvez para si, talvez para os Céus: “Shepsl, você tinha razão. No final eles sempre voltam.”

Tradução de Guila Koschland Wajnryt.

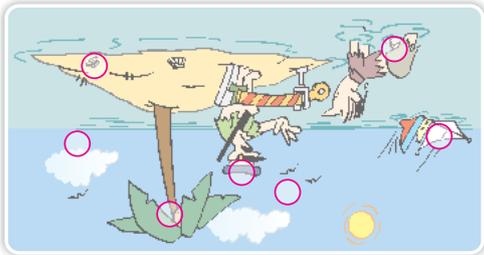
Permissão exclusiva para a Nascente.

Recentemente esta redação recebeu a informação de que o personagem desta história, o jovem visitante Chayim Eliêzer, é o próprio autor Chayim Walder.

7 JOGO DOS ERROS



1	R	U	C	H	E	N	F	A	S	A	H	S	C	A	L	O	T	R	O	P	O	M	
2	N	E	A	T	N	F	A	S	A	H	S	C	A	L	O	T	R	O	P	O	M		
3	L	A	T	A	H	E	A	R	A	L	A	L	E	X	I								
4	O	S	A	R	E	A	R	A	L	A	L	E	X	I									
5	S	C	A	L	O	T	R	O	P	O	M												
6	C	O	P	O	M																		
7	A	L	O	T	R	O	P	O	M														
8	O	S	A	R	E	A	R	A	L	A	L	E	X	I									
9	L	A	T	A	H	E	A	R	A	L	A	L	E	X	I								
10	R	O	P	O	M																		



ROSH CHÔDESH

Domingo, 24 de maio.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.
Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.
Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.
Acrescenta-se a oração de Mussaf.

TACHANUN

Não se recita Tachanun nos 12 primeiros dias de sivan, até 4 de junho, inclusive.

ERUV TAVSHILIN

Quinta-feira, 28 de maio.

SHAVUOT

Sexta-feira e Sábado, 29 e 30 de maio.

Recita-se o Hallel completo nos dois dias. Shavuot comemora o majestoso acontecimento testemunhado pelo povo de Israel sete semanas depois de sua saída do Egito, quando estava acampado ao pé do Monte Sinai. Nesta ocasião, D'us manifestou Sua vontade a Israel e nos revelou os Dez Mandamentos.

Embora estes mandamentos não constituam toda a Torá, que consiste de 613 mandamentos – taryag mitsvot – eles são o seu fundamento. Esses dez mandamentos se tornaram a base das leis de grande parte da civilização ocidental. O nome Shavuot, pelo qual a Torá se refere a esta data, significa simplesmente “semanas” e deriva do fato de Shavuot ser observado depois de se contar sete semanas completas, a partir do segundo dia de Pêssach.

Ticun Lêl Shavuot: Durante a primeira noite de Shavuot existe o bonito costume de se passar a noite em claro, estudando Torá e mishná. Este ano, o estudo se realizará na Sexta-feira à noite, dia 29 de maio.

Shavuot é chamada também de “Chag Habicurim” (Festa das Primícias), “Chag Hacatsir” (Festa da Ceifa do Trigo) e “Zeman Matan Toratênu” (Época da Outorga da nossa Torá).

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):
Sexta-feira, 30 de maio, a partir das 18h08m
(horário para São Paulo).
Final: Sábado, 06 de junho, às 01h04m
(horário para São Paulo).

Tamuz ⁵⁷⁸⁰ | 23 de Junho de 2020 a 21 de Julho de 2020

ROSH CHÔDESH

Segunda e Terça-feira, dias 22 e 23 de junho.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se Mussaf.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Sábado, 27 de junho, a partir das 19h26m
(horário para São Paulo).

Final: Domingo, 5 de julho,
até as 5h38m (em São Paulo).

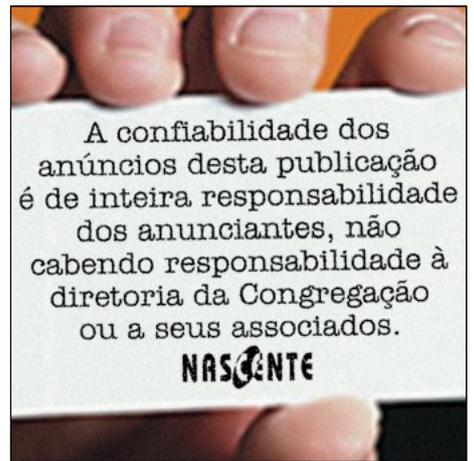
JEJUM - 17 DE TAMUZ

Quinta-feira, dia 9 de julho.

Início: 05h37m. Término: 18h04m (em São Paulo).

Nesta data ocorreram, em épocas diferentes,
cinco trágicos acontecimentos:

- Moshê quebrou as Pedras da Lei ao ver o bezerro de ouro que o Povo de Israel havia feito.
- Foi suspensa a oferenda diária (Corban Tamid, de manhã e à tarde) no Primeiro Templo.
- Foram rompidas as muralhas de Jerusalém na época do Segundo Templo.
- Apóstomos, o Malvado (um oficial romano), queimou a Torá.
- Um ídolo foi colocado no Templo.



A confiabilidade dos anúncios desta publicação é de inteira responsabilidade dos anunciantes, não cabendo responsabilidade à diretoria da Congregação ou a seus associados.

NASCENTE

Menahem S. Khafif e Família

Desejam muito sucesso para a Congregação em todos os seus empreendimentos.



KALIMO

Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos.

ANUNCIE AQUI!

Anunciando na **NASCENTE** seus conhecidos e amigos serão também seus clientes e você ainda estará colaborando para a divulgação dos valores judaicos!

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

12 de junho - 17h07m	24 de julho - 17h20m
19 de junho - 17h08m	31 de julho - 17h23m
26 de junho - 17h10m	07 de agosto - 17h26m
03 de julho - 17h12m	14 de agosto - 17h29m
10 de julho - 17h15m	21 de agosto - 17h32m
17 de julho - 17h17m	28 de agosto - 17h34m

PARASHAT HASHAVUA

13 de junho	- Parashat: Behaalotechá Haftará: Roni Vessimchi Bat Tsiyon
20 de junho	- Parashat: Shelach Lechá Haftará: Vayishlach Yehoshua Bin Nun
27 de junho	- Parashat: Côrach Haftará: Vayômer Shemuel El Haam
04 de julho	- Parashat: Chucat - Balac Haftará: Vehayá Sheerit Yaacov
11 de julho	- Parashat: Pinechás Haftará: Divrê Yirmeyáhu Ben Chilkiyáhu
18 de julho	- Parashat: Matot-Massê Haftará: Shim' u Devar Hashem
25 de julho	- Parashat: Devarim Haftará: Chazon Yesha'yáhu Ven Amots
01 de agosto	- Parashat: Vaetchanan Haftará: Nachamu Nachamu Ami
08 de agosto	- Parashat: Ekev Haftará: Vatômer Tsiyon Azaváni Hashem
15 de agosto	- Parashat: Reê Haftará: Aniyá Soará Lô Nuchama

HORÁRIO DAS TEFILOT

Shachrit: De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin),
06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).
Aos sábados - 08h15m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h40m (infante-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).
Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.

Minchá: De domingo a quinta - 14h00m e 15min. antes do pôr do sol.

Arvit: De domingo a quinta - 10 min. após o pôr-do-sol, 19h00m e 20h00m.

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT	
12 de junho	- 17h07m	13 de junho	- 16h40m
19 de junho	- 17h08m	20 de junho	- 16h40m
26 de junho	- 17h10m	27 de junho	- 16h40m
03 de julho	- 17h12m	04 de julho	- 16h40m
10 de julho	- 17h15m	11 de julho	- 16h45m
17 de julho	- 17h17m	18 de julho	- 16h50m
24 de julho	- 17h20m	25 de julho	- 16h50m
31 de julho	- 17h23m	01 de agosto	- 16h55m
07 de agosto	- 17h26m	08 de agosto	- 16h55m
14 de agosto	- 17h29m	15 de agosto	- 17h00m
21 de agosto	- 17h32m	22 de agosto	- 17h00m
28 de agosto	- 17h34m	29 de agosto	- 17h05m

TABELA DE HORÁRIOS

SIVAN / TAMUZ 5780

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset	
					24	5:27	5:47	6:37	8:34			8:46	9:20	9:36	10:14	
25	5:27	5:48	6:38	8:34	8:46	9:21	9:36	10:15	12:04	12:34	12:43	12:58	16:21	16:36	17:29	
26	5:28	5:48	6:38	8:34	8:46	9:20	9:36	10:15	12:03	12:33	12:43	12:57	16:21	16:36	17:28	
27	5:28	5:49	6:39	8:34	8:46	9:21	9:36	10:15	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:28	
28	5:28	5:49	6:39	8:34	8:46	9:21	9:36	10:15	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:28	
29	5:29	5:50	6:40	8:35	8:47	9:22	9:37	10:16	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:36	17:28	
30	5:29	5:50	6:40	8:35	8:47	9:22	9:37	10:16	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:28	
31	5:30	5:51	6:41	8:36	8:47	9:22	9:37	10:16	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:27	
Junho	1	5:30	5:51	6:41	8:36	8:47	9:22	9:37	10:16	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:27
	2	5:30	5:51	6:41	8:36	8:47	9:22	9:37	10:16	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:27
	3	5:31	5:52	6:42	8:36	8:48	9:23	9:38	10:17	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:27
	4	5:31	5:52	6:42	8:36	8:48	9:23	9:38	10:17	12:04	12:34	12:43	12:58	16:20	16:35	17:27
	5	5:31	5:53	6:43	8:36	8:48	9:24	9:38	10:18	12:05	12:35	12:43	12:59	16:20	16:35	17:27
	6	5:32	5:53	6:43	8:37	8:49	9:24	9:39	10:18	12:05	12:35	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27
	7	5:32	5:53	6:43	8:37	8:49	9:24	9:39	10:18	12:05	12:35	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27
	8	5:32	5:54	6:44	8:37	8:49	9:25	9:39	10:18	12:06	12:36	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27
	9	5:33	5:54	6:44	8:38	8:50	9:25	9:39	10:18	12:06	12:36	12:44	12:59	16:20	16:35	17:27
	10	5:33	5:55	6:45	8:38	8:50	9:26	9:39	10:19	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27
	11	5:33	5:55	6:45	8:38	8:50	9:26	9:39	10:19	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27
	12	5:34	5:55	6:45	8:38	8:50	9:26	9:40	10:19	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27
	13	5:34	5:56	6:46	8:38	8:50	9:26	9:40	10:20	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27
	14	5:34	5:56	6:46	8:38	8:50	9:26	9:40	10:20	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27
	15	5:34	5:56	6:46	8:38	8:50	9:26	9:40	10:20	12:06	12:36	12:44	13:00	16:20	16:35	17:27
	16	5:35	5:57	6:47	8:39	8:51	9:27	9:41	10:20	12:07	12:37	12:45	13:00	16:20	16:35	17:27
	17	5:35	5:57	6:47	8:40	8:51	9:27	9:41	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28
	18	5:35	5:57	6:47	8:40	8:51	9:27	9:41	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28
	19	5:35	5:57	6:47	8:40	8:51	9:28	9:42	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28
	20	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:21	12:08	12:38	12:46	13:01	16:21	16:36	17:28
	21	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:22	12:08	12:38	12:46	13:02	16:21	16:36	17:28
	22	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:22	12:08	12:38	12:46	13:02	16:22	16:37	17:29
	23	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:28	9:42	10:22	12:08	12:38	12:46	13:02	16:22	16:37	17:29
	24	5:36	5:58	6:48	8:40	8:52	9:29	9:42	10:22	12:09	12:39	12:46	13:02	16:22	16:37	17:29
	25	5:37	5:59	6:49	8:41	8:53	9:29	9:43	10:23	12:10	12:40	12:47	13:03	16:22	16:37	17:29
	26	5:37	5:59	6:49	8:42	8:53	9:29	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:03	16:23	16:38	17:30
	27	5:37	5:59	6:49	8:42	8:53	9:29	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:03	16:23	16:38	17:30
	28	5:37	5:59	6:49	8:42	8:53	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:30
	29	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:31
	30	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:31
Julho	1	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:43	10:23	12:10	12:40	12:48	13:04	16:24	16:39	17:31
	2	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:44	10:23	12:10	12:40	12:49	13:04	16:25	16:40	17:32
	3	5:37	5:59	6:49	8:42	8:54	9:30	9:44	10:23	12:10	12:40	12:49	13:04	16:25	16:40	17:32
	4	5:38	5:59	6:49	8:43	8:54	9:30	9:44	10:23	12:10	12:40	12:49	13:04	16:25	16:40	17:32
	5	5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:11	12:41	12:50	13:05	16:26	16:41	17:33
	6	5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:11	12:41	12:50	13:05	16:26	16:41	17:33
	7	5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:11	12:41	12:50	13:05	16:26	16:41	17:33
	8	5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:05	16:27	16:42	17:34
	9	5:38	5:59	6:49	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:05	16:27	16:42	17:34
	10	5:38	5:59	6:49	8:44	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:51	13:06	16:28	16:43	17:35
	11	5:37	5:59	6:49	8:43	8:54	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:06	16:28	16:43	17:35
	12	5:37	5:59	6:49	8:43	8:54	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:50	13:06	16:28	16:43	17:35
	13	5:37	5:59	6:49	8:43	8:55	9:31	9:45	10:25	12:12	12:42	12:51	13:06	16:29	16:44	17:36
	14	5:37	5:59	6:49	8:43	8:55	9:31	9:45	10:25	12:12	12:42	12:51	13:06	16:29	16:44	17:36
	15	5:37	5:58	6:48	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:29	16:44	17:37
16	5:37	5:58	6:48	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:29	16:44	17:37	
17	5:37	5:58	6:48	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:29	16:44	17:37	
18	5:37	5:58	6:48	8:44	8:55	9:30	9:46	10:25	12:13	12:43	12:52	13:07	16:30	16:45	17:38	
19	5:36	5:57	6:47	8:43	8:54	9:30	9:45	10:24	12:12	12:42	12:52	13:07	16:30	16:45	17:38	
20	5:36	5:57	6:47	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:07	16:31	16:46	17:39	
21	5:36	5:57	6:47	8:43	8:55	9:30	9:45	10:24	12:13	12:43	12:52	13:07	16:31	16:46	17:39	



“Perdão”

CHAYIM WALDER

Meu nome é Shuki.

Minha história começa há quase dois anos atrás, quando estava na quarta série.

A cada recreio, todas as classes de nossa escola corriam para a quadra, tentando “pegá-la” para um jogo.

Geralmente os “grandes” – da sexta, sétima e oitava série – pegavam a quadra e nós tínhamos que nos contentar com um cantinho qualquer. Muito raramente conseguíamos brincar lá.

Um dia, nosso professor nos liberou um minuto antes do sinal. Corremos em direção à quadra e começamos a brincar.

De repente, apareceu um grande grupo de garotos da sétima série e começaram a jogar na quadra, como se não estivessemos lá. Protestamos, gritamos, mas eles nos ignoravam com desprezo.

Resolvi agir. Num dado momento, peguei a bola com a qual estavam jogando e atirei-a por cima da cerca...

David, da sétima série, correu para pegá-la. Ao voltar com a bola na mão, seu rosto estava vermelho de raiva, seu nariz estava franzido, seus olhos soltavam faíscas e se fixaram em mim com um olhar ameaçador.

Ele se aproximou e chutou a bola em mim com uma força violenta.

Só me lembro que, de repente, foi como se o mundo tivesse virado.

Desmaiei.

Ao acordar de meu desmaio, o diretor estava curvado sobre mim. Seu rosto parecia muito preocupado. Ele e outro professor me carregaram para o escritório e lavaram meu rosto delicadamente.

Percebi que quase não enxergava com um dos olhos. Entendi que meu ferimento era grave.

Uma ambulância que fora chamada ao local levou-me ao hospital e, depois de vários exames, determinaram que eu sofria uma grave hemorragia no olho.

Meu pai chegou mais tarde. Ele parecia pálido e preocupado. Tentei dar-lhe um sorriso, mas não consegui muito. Papai conversou com os médicos em voz baixa e voltou para mim, com o rosto extremamente preocupado.

Depois do tratamento que fizeram em meu olho, enfaixaram-no com um enorme curativo. Também cobriram meu outro olho, para que eu não me esforçasse demais.

Adormeci. Dormi por um dia inteiro. Ao acordar, senti que os raios de sol acariciavam meu rosto. Era muito estranho sentir-se como um cego.

De repente, ouvi um ruído ao meu lado. Perguntei:

- Quem está aí?

Não houve resposta. Perguntei novamente:

- Quem está ao meu lado?

Ouvi passos distanciando-se rapidamente de meu quarto e, então, o silêncio voltou.

Depois de quinze minutos meu pai entrou no quarto, perguntou como eu estava me sentindo e me preparou para a visita dos médicos.

Assim foram passando os dias. Todo dia, às quatro e meia da tarde, sentia que alguém se sentava ao meu lado, sem dizer nada e sem fazer ruído.

Resolvi ser esperto. No dia seguinte, às quatro horas, levantei um pouco o curativo de meu olho bom, de forma que pudesse ver um pouquinho para fora. Quando chegou a hora certa, entrou, com passos hesitantes... David!

Ele se sentou ao meu lado. Pude ver como seu rosto estava triste e preocupado.

Ele me olhou de perto, observou meu rosto inchado, enquanto lágrimas enchiam seus olhos. Ele não sabia que eu podia vê-lo também.

Lembrei-me de seus olhos enraivecidos quando chutou a bola em mim.

"Ele está ressentido", pensei. "Se tivesse pensado antes, não teria ocorrido o acidente que está me fazendo sofrer tanto".

Numa voz dura, disse-lhe:

- Quero que o visitante saia daqui imediatamente!

David surpreendeu-se; seu rosto ficou vermelho. Ele se aproximou de meu leito e disse:

- Sou eu, David. Queria lhe pedir perdão. Sinto muito pelo que aconteceu...

Ele hesitou um pouco, mas continuou:

- Aji como um garoto perverso e sinto-me envergonhado.

Não respondi.

Ele perguntou:

- Você me perdoa, Shuki?

Continuei em silêncio.

David virou-se, sem saber o que fazer, e começou a andar em direção à saída. Antes que ele sumisse do quarto, chamei-o:

- David!...

Ele parou, voltou-se e retornou a mim com passos cautelosos.

- Sente-se, David - pedi. Ele se sentou. O silêncio voltou.

- Eu o perdoou, David - disse-lhe, depois de alguns momentos.

- Obrigado - disse David, sem encontrar outras palavras para acrescentar. Depois, levantou-se e disse:

- Estou indo, Shuki - e dirigiu-se novamente à saída.

Chamei-o: - David!...

Ele se voltou.

- Você virá amanhã também? - perguntei.

Ele sorriu e exclamou: - Claro!

Uma Mishná Por Dia

Mais de 1400 áudios publicados

Uma
Mishná
Por Dia

Acesse o site
ohelmoshe.com.br
ou baixe o app Android

por R. Daniel Faour

Edmond Khafif e filhos

Parabentizam a
Congregação Mekor Haim
pela divulgação dos valores
judaicos e desejam paz
e saúde para todo
Am Yisrael.

Atualize seu e-mail para
receber os informativos da
Congregação Mekor Haim

Envie uma mensagem para:
revista_nascente@hotmail.com

No dia seguinte, David veio na mesma hora, logo depois do término das aulas.

Começamos a conversar e percebi que, apesar de eu estar na quarta série e ele, na sétima, ele me tratava como se eu tivesse a sua idade e contava-me uma série de coisas que aconteciam em sua classe. Eu também lhe contei, esforçando-me para que fosse interessante e não infantil, para que ele não ficasse enjoado.

Nossa conversa foi interrompida quando meu pai entrou. Ele olhou para nós e sorriu.

- Vocês se entenderam?

- Sim! - respondemos juntos.

- Como você sabe quem ele é? - perguntei ao meu pai.

Papai me contou que, no mesmo dia em que fui ferido, David apareceu, chorando e tremendo de remorso e tristeza, pedindo para entrar no meu quarto. Desde então, todos os dias, ele se sentava ao meu lado, para ver como eu ia melhorando. David tinha pedido ao meu pai que não revelasse quem ele era. Meu pai fez sua vontade.

Passaram-se duas semanas e eu fiquei totalmente bom.

Voltei à escola.

Desde então, nós somos bons amigos. Inseparáveis.

Passou-se um ano. Eu passei para a quinta série e David, para a oitava.

Começamos a estudar juntos, todo Shabat. No início, David estudava comigo a matéria que eu tinha estudado durante a semana, depois tentou me ensinar o que ele estava estudando. No final das contas, decidimos estudar uma outra guemará, sem ligação com a escola.

Nossa amizade ficou cada vez mais forte. Nossos colegas se acostumaram e ninguém mais se espantava ao ver-me junto com David o dia todo.

David está terminando a oitava série e vai para uma yeshivá em outra cidade. Eu vou para a sexta série e não sei o que farei sem ele. Decidimos continuar mantendo contato por telefone e cartas, quando contaremos um ao outro sobre nossas experiências e estudos.

É muito difícil para mim me separar de meu melhor amigo, mas fico reconfortado sabendo que a amizade nunca será interrompida.

A vocês, crianças, queria dizer que minha história e seu final feliz ensina quão valorosa é a palavra "perdão". David me contou como foi difícil para ele dizer esta palavra. No entanto, a dificuldade foi pequena se comparada a todas as coisas que ele ganhou com isso; acima de tudo - uma amizade verdadeira!

Tradução de Guila Koschland Wajnryt

Permissões exclusivas para a NASCENTE

Chayim Walder em "Yeladim Messaperim al Atsmam",

baseado em cartas recebidas de crianças.



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l



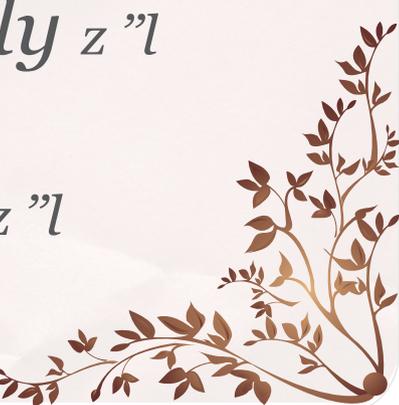
Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Ester Ides bat Israel Chaim z"l

Renée Khafif bat Emily z"l



Shlime bat Feigue z"l

APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!



As Famílias Cohab e Douer
desejam saúde e alegria para toda a comunidade!



Bank Cainvest

www.cainvest.com